

O CORAÇÃO QUEER DO CENTRO HISTÓRICO

UMA CARTOGRAFIA DA PRAÇA
ANTHENOR NAVARRO E DO LARGO
SÃO FREI PEDRO GONÇALVES



O CORAÇÃO QUEER DO CENTRO HISTÓRICO

UMA CARTOGRAFIA DA PRAÇA
ANTHENOR NAVARRO E DO LARGO
SÃO FREI PEDRO GONÇALVES

Autor Matheus de Oliveira Martins

Orientadora Profa. Dra. Amélia de Farias Panet Barros

Trabalho Final de Graduação apresentado ao
Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito à obtenção
do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

João Pessoa, 2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M382c Martins, Matheus de Oliveira.

O coração queer do Centro Histórico: uma cartografia da
Praça Anthenor Navarro e do Largo São Frei Pedro
Gonçalves / Matheus de Oliveira Martins. - João Pessoa,
2019.

70f. : il.

Orientação: Amélia de Farias Panet Barros.
Monografia (Graduação) - UFPB/CT.

1. Sociabilidade. 2. Territorialidade. 3. LGBT. 4.
Direito à Cidade. 5. Lazer. I. Barros, Amélia de Farias
Panet. II. Título.

UFPB/BC

Deixa ela andar como quer
Deixa ele ser quem quiser
Não importa se é homem ou mulher
Branco ou preto o que der e vier

[...]

O mundo é composto por diversidade
Idades e só não ver quem não quer
Corpos ocupando espaços
Todos escutando passos
Movimentando os braços
Formando laços, ritmos e traços

Vogue do Gueto, por Karol Conka

AGRADECIMENTOS

Aos meus guias, protetores e Orixás;

À minha fortaleza, simbolizada por minha mãe e meu pai, Adriana e Ozanir;

Aos meus irmãos de sangue, Victor e Giovanna;

Aos meus amigos-irmãos de coração que a Paraíba me presenteou nessa caminhada;

À Amélia, por abraçar essa ideia com entusiasmo, sabedoria e carinho;

Nos últimos anos, o Direito à Cidade entra como forte pauta na agenda dos Direitos Humanos, no contexto acadêmico e de lutas sociais. Decorrem sobre ele o acesso com qualidade à saúde, educação, segurança pública, cultura, transporte e lazer. Entretanto, a realidade para muitos indivíduos, tidos como minorias de poder, é a violação de direitos e sua exposição à diversos tipos de violência. Dentre esses indivíduos estão aqueles que representam a comunidade LGBTQ+, que, ao romperem com o padrão cis heteronormativo de gênero e sexualidade, são expostos, além das agressões em geral, à coibição do direito de se expressarem no espaço urbano. Tal prática acaba por promover um processo de territorialização com a eleição de espaços urbanos propícios ao exercício livre de suas condições de existência, dentre elas, a prática do lazer. Esse trabalho nasceu como um desdobramento de uma pesquisa sobre a territorialidade e a sociabilidade LGBTQ+ na cidade de João Pessoa, Paraíba, que apontou a Praça Anthenor Navarro e o Largo São Frei Pedro Gonçalves, no bairro do Varadouro, como uma importante centralidade no contexto urbano, onde esses indivíduos se sentiam livres para exercer as condições de gênero e de sexualidade durante a prática do lazer noturno. Dessa forma, no intuito de compreender como a diversidade social fomenta essas dinâmicas, buscou-se identificar as características físicas, espaciais, culturais e simbólicas do lugar, através do exercício de construção de uma cartografia sensível urbana, baseada na metodologia de Santiago Cao (2018), utilizando como instrumentos metodológicos a observação em campo e entrevistas semiestruturadas com os indivíduos presentes no local. Os resultados apontam que a problemática dos indivíduos LGBTQ+ permeia questões espaciais, culturais, sociais e educacionais, revelando a necessidade de pensar a cidade considerando a multiplicidade de grupos e interesses humanos, onde a liberdade e a identidade de cada um deve ser preservada, buscando e promovendo um desenvolvimento urbano mais democrático sem violações de direitos e com garantia do usufruto pleno da estrutura e dos espaços públicos da cidade.

Palavras-chave: Sociabilidade; Territorialidade; LGBT; Direito à Cidade; Lazer.

In recent years, the Right to Experience the City enters as a strong Human Rights agenda, in the academic context and the struggles of social movements. Arise about it the quality access to health, education, public safety, culture, transportation and leisure. However, the reality for many individuals, perceived as minorities of power, is the violation of rights and their exposure to various types of violence. Among these individuals are those who represent the LGBTQ+ community, who, in breaking with the cis heteronormative pattern of gender and sexuality, are exposed, in addition to the aggressions in general, to the restriction of their right to express themselves in the urban space. This practice ends up promoting a process of territorialization with the election of urban spaces conducive to the free exercise of their conditions of existence, among them, the practice of leisure. This research is an offshoot of an investigation about LGBTQ+ territoriality and sociability in the city of João Pessoa, Paraíba, which pointed out Praça Anthenor Navarro and Largo São Frei Pedro Gonçalves, in the Varadouro neighborhood, as an important centrality in the urban context, where these individuals felt free to exercise their gender and sexuality conditions during night leisure practice. Thus, in order to understand how social diversity feeds these dynamics, we sought to identify the physical, spatial, cultural and symbolic characteristics of the place through the construction of a sensitive urban cartography, based on the methodology of Santiago Cao (2018), using as methodological instruments the field observation and semi-structured interviews with the individuals present at the site. The results indicate that the problems of LGBTQ+ individuals permeates spatial, cultural, social and educational issues, revealing the need to think about the city considering the multiplicity of groups and human interests, where the freedom and the identity of each one must be preserved, seeking and promoting a more democratic urban development without violations of rights and with ensuring full enjoyment of the city's structure and public spaces.

Key words: Sociability; Territoriality; LGBT; Right to the City; Leisure.

15 CONSIDERAÇÕES
INICIAIS

20 ABORDAGEM
TEORICO
METODOLOGICA

33 CONTEXTO
HISTÓRICO
URBANO

38 CARTOGRAFIA
SENSÍVEL
URBANA

63 CONSIDERAÇÕES
FINAIS

65 BIBLIOGRAFIA

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nas últimas décadas, vários estudos acadêmicos, dados de organizações sociais e reações populares, como manifestações e protestos, destacam as contradições existentes entre os direitos sociais estabelecidos em leis constitucionais e a realidade do cotidiano de segmentos da população socialmente oprimidos. Para além das legislações específicas de cada país, inclusive a brasileira, alguns documentos de caráter global, como a 'Carta Mundial do Direito à Cidade'¹, destacam e reforçam o direito equânime de todas as pessoas às cidades. O que pressupõe o acesso irrestrito a uma cidade com condições de saúde, educação, segurança pública, cultura, transporte e lazer, "sem discriminação de gênero, idade, raça, condição de saúde, renda, nacionalidade, etnia, condição migratória, orientação política, religiosa ou sexual [...]". Ainda, essa mesma carta esclarece que o direito à cidade é definido como "o usufruto equitativo das cidades dentro dos princípios de sustentabilidade, democracia, equidade e justiça social." É, portanto, um direito coletivo garantido especialmente aos "[...] grupos vulneráveis e desfavorecidos, que lhes confere legitimidade de ação e organização, baseado em seus usos e costumes, com o objetivo de alcançar o pleno exercício do direito à livre autodeterminação e a um padrão de vida adequado" (CMDC, 2006, p. 2-3).

Incluído nesses amparos legais, o direito social ao lazer constitui-se como um direito fundamental, visto que favorece diretamente a vida humana e o bem-estar social, como também colabora no desenvolvimento de cidades mais justas. A prática do lazer, dentre muitas possibilidades, permite a troca social e o encontro de pessoas, de vivências e de questionamentos acerca

das estruturas sociais, contribuindo assim para mudanças de ordem moral e cultural (MARCELLINO, 2002). Inclusive, tendo alguns movimentos sociais construído muitos de seus valores a partir do tempo de lazer. A exemplo do movimento LGBTQ+², que, ao longo das décadas, estabeleceu suas reivindicações, em sua maioria, durante a prática do lazer, inclusive para pautar a luta pelo direito de frequentar espaços de divertimento e socialização. De modo que o lazer possibilita uma vivência urbana que colabora no desenvolvimento de cidades mais justas.

No entanto, apesar desse esforço, o que observamos ainda é uma extrema desigualdade nas vivências territoriais desses segmentos socialmente vulneráveis, entre outros, pela difícil aceitação social de um convívio pleno com a diversidade humana. Dado que, historicamente, a sociedade ocidental impõe um padrão sociocultural – calcado em valores patriarcais, machistas, elitistas, racistas e cisheteronormativos³, portanto, tudo que se difere desses parâmetros normalmente não é aceito (LOURO, 1997). Devido a isso, há um cenário de segregação nos espaços públicos e privados direcionados a quem não segue tal normalidade, tendo como exemplo o preconceito direcionado à população LGBTQ+. Ao performar uma subversão das normas impostas, considerando o rompimento do padrão de gênero e sexualidade (BUTLER, 2003), a comunidade LGBTQ+ é exposta a violação tanto de sua integridade física, quanto de sua natureza psicológica, à medida que, via de regra, há uma vigilância – ora velada, ora explícita – do seu comportamento. Dessa forma, além das agressões em geral, as pessoas LGBTQ+ sofrem a coibição do direito de se expressar no espaço urbano. Essas práticas discriminatórias são tipificadas como

1 A Carta Mundial do Direito à Cidade foi construída por um conjunto de movimentos populares, organizações não governamentais, associação de profissionais, fóruns e redes nacionais e internacionais da sociedade civil no Fórum Social Mundial de 2001 na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e é, sem dúvida, um contraponto à cidade mercadoria do capital.

2 Atualmente, a sigla LGBT, adotada oficialmente no Brasil a partir de 2008, é utilizada para designar pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e travestis. Essa pesquisa entende a diversidade acerca das identidades de gênero e sexualidades não englobadas por tal termo, por isso, optou por utilizar a sigla LGBTQ+ para tratar de todo indivíduo fora do padrão cisheteronormativo. Adotaremos o símbolo '+', como ocorre em algumas publicações, para simbolizar a diversidade da sigla.

3 A cisheteronormatividade é um termo utilizado para identificar a norma social imposta relacionada à condição cisgênera e ao comportamento heterossexual, tidos como único padrão válido e aceito socialmente. Os indivíduos que não seguem tal postura social e cultural sofrem práticas discriminatórias e preconceituosas, vivendo em posição de desvantagem diante à sociedade. O termo cisgênero descreve pessoas que não são transgênero (mulheres trans, travestis e homens trans). 'Cis-' é um prefixo em latim que significa "no mesmo lado que" e, portanto, é oposto de 'trans'. Refere-se a pessoa que se identifica, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer.

LGBTfobia⁴, que se referem aos sentimentos negativos como ira, nojo, desconforto, receio, horror, desprezo e descaso direcionados a travestis, transexuais, transgêneros, lésbicas, gays, pessoas não-binárias, *queer*⁵, assexuais, intersexuais e bissexuais.

De forma que, assim como outros indivíduos que desvirtuam do plano homogeneizador urbano, as pessoas LGBTQ+ passam a desempenhar práticas e representações culturais que conformam territorializações simbólicas em determinados espaços da cidade. A LGBTQfobia, ao excluir essas pessoas, acaba por promover um processo de eleição de espaços urbanos propícios ao exercício livre de suas condições de existência, inclusive para a sociabilidade. Esses territórios delineados a partir da agregação de pessoas, além de serem locais de encontro e de convívio, possuem uma importância social, pois ressignificam o espaço e suscitam a justiça local, se configurando enquanto espaços de resistência e estabelecendo novas relações de poder na cidade.

Nesse sentido, diante a exclusão e as possibilidades estabelecidas pela territorialidade, surge a necessidade de promover a conciliação de diferentes manifestações. A comunhão, a troca e a agregação de sujeitos, cujas expressões são formas de fronteira entre ordens sociais – a essência da diversidade cultural, produzem novas formas que qualificam a natureza heterogênea da cidade. Tais diferenças culturais, ao mesmo tempo que libertam os sujeitos, os organizam em seus lugares, atrelando-se diretamente a espacialização. Conformando assim territórios plurais (ZAMBRANO, 2001), que possibilitam a diversidade de indivíduos, bem como suas diferentes identidades e intencionalidades de uso, fomentando a vitalidade e a dinâmica urbana.

No Brasil, a realidade da população LGBTQ+ é marcada por um quadro histórico de lutas e resistência frente às constantes opressões sociais. Ainda que o compromisso com o pluralismo e a

inclusão estejam previstos na Constituição de 1988 e nos acordos internacionais referentes aos Direitos Humanos, muitas cidades brasileiras, dentro dos seus processos históricos, sociais e urbanos, reproduzem a prática da ação segregacionista às pessoas LGBTQ+, surtindo na restrição dos direitos de existência e expressão desses sujeitos no espaço público. É importante salientar que a violência LGBTfóbica no Brasil não é uma causalidade. A omissão do poder público para remediar esse quadro restringe à essa população o acesso aos seus direitos básicos. Além disso, a ausência de políticas públicas reflete no espaço urbano, onde, ao ser planejado a partir da ótica da homogeneidade social, racial e sexual – concepção disfarçada de falsa neutralidade, agrava o contexto de segregação social, arriscando justamente a deliberação de comportamentos discriminatórios e violentos direcionados aos indivíduos fora do padrão imposto. Visto isso, atentar para tais temáticas é construir caminhos democráticos para o desenvolvimento do ser humano, no qual a liberdade e a identidade de cada um deve ser considerada para integrar a sociedade e gerir a cidade.

Tendo em vista essa realidade, desenvolvi em 2018 uma pesquisa de estágio supervisionado juntamente com Nilton Fernandes, sob a orientação da Profa. Dra. Amélia Panet, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, que partia da suposição de uma segregação espacial urbana - ora velada, ora explícita, que “regula” a ocupação do território com base, entre outros, em padrões comportamentais, delimitando ou segregando o espaço e comprometendo o direito pleno à cidade. A pesquisa tinha como objetivo relatar, apresentar e discutir os resultados sobre o ‘como’ se dá a sociabilidade e liberdade sexual da população LGBTQ+ em lugares de lazer na cidade de João Pessoa, capital paraibana. Logo, questionou-se quais os lugares de liberdade para a população LGBTQ+ praticar o lazer e se haveria especificidades nessas dinâmicas territoriais.

4 Em 13 de junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) aprovou que a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero passa a ser considerada um crime em todo o território brasileiro, a decisão julgou a equiparação da LGBTfobia com o crime de racismo, tornando esses como inafiançáveis e imprescritíveis.

5 Sobre a palavra *queer*, Colling (2007) traz a ideia de ressignificação do termo pejorativo contra os indivíduos que transgredem as normas, as pessoas taxadas de estranhas, esquisitas, anormais, bichas, boiolas, baitolas, sapatões, caminhoneiras, travecos, etc. Segundo o autor, “a proposta é dar um novo significado ao termo, passando a entender queer como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas.” (Ibid, p. 01)

O trabalho ainda procurou sondar sobre os horários mais frequentes para a utilização dos espaços. Sobressaindo, através de um índice baseado em média ponderada, o turno da noite como o período de maior assiduidade das pessoas nos equipamentos. Assim como em Oliveira (2016), a pesquisa comprovou que prevalece o horário noturno para a prática de atividades de lazer para o público LGBTQ+, dentro da cidade de João Pessoa, reforçando o fato da construção histórica dessa preferência. Em uma análise temporal, Oliveira (2016) destaca que os primeiros estabelecimentos comerciais a receberem o público homossexual foram os bares noturnos, na década de 1970, demonstrando o início de um processo de “guetização” da comunidade LGBTQ+.

Os resultados, representados ao lado na figura 1, atestaram que os espaços de socialização estabelecem dinâmicas urbanas distintas, sendo limitados à espaços públicos com contrato social velado, estabelecimentos privados que veem o público LGBTQ+ como nicho de mercado e espaços marginalizados. Respectivamente, tais dinâmicas são representadas por três centralidades que se destacaram na análise: a Praça da Paz, no bairro dos Bancários; a Rua Coração de Jesus, no bairro de Tambaú; e a Praça Anthenor Navarro e o Largo São Frei Pedro Gonçalves, no bairro do Varadouro.

Diferente do que ocorre em Tambaú e na Praça da Paz, existe uma socialização bastante expressiva na parte pública da Praça Anthenor Navarro e do Largo São Frei Pedro Gonçalves, apesar dos bares privados existentes no local. Localizado no centro histórico da cidade de João Pessoa, o lugar possui um caráter mais cultural e é frequentado por um público com perfil mais diverso. Dentre muitos fatores descritos, os participantes presentes no local, em sua maioria, relataram que se sentiam mais confortáveis devido à presença de diversos “tipos de pessoas” e às diversas possibilidades de apropriação do espaço. Esse fato foi confirmado quando, ao traçar o perfil dos entrevistados, os usuários da praça e do largo apresentaram uma maior diversidade identitária, etária, étnica-racial e econômica em relação às outras duas centralidades. Ainda que sendo um espaço público, a área é vivenciada por outro tipo de problemática mais complexa, a marginalização do território

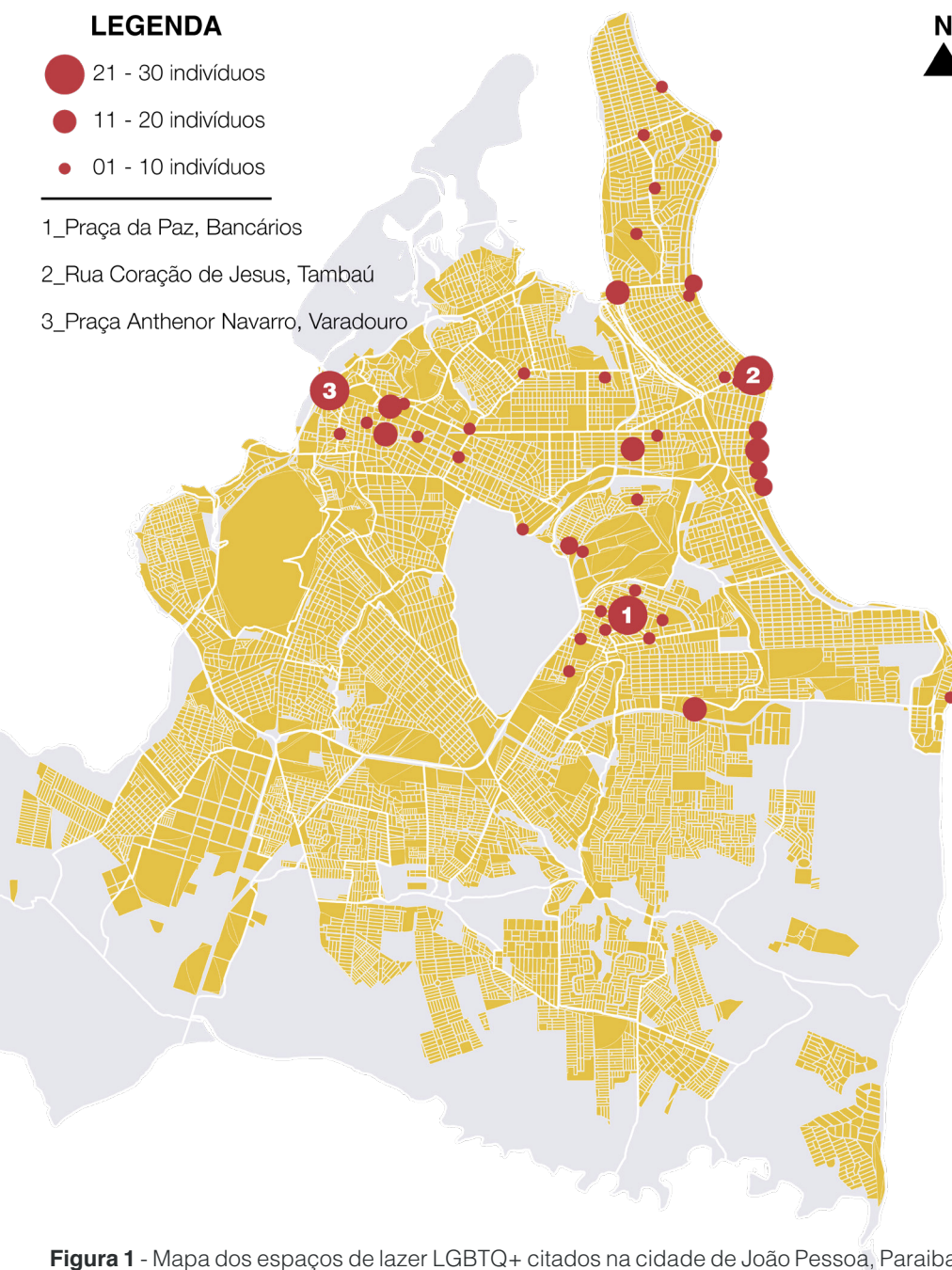


Figura 1 - Mapa dos espaços de lazer LGBTQ+ citados na cidade de João Pessoa, Paraíba.
Fonte: FERNANDES; MARTINS, 2018.

frente à cidade, aspecto incorporado pelos LGBTQ+, pois é como se posicionam – como pessoas deixadas à margem pela sociedade. Apesar desse aspecto, o caráter cultural da área acaba por torná-la mais democrática e acessível, fato reforçado por Oliveira (2016), quando afirma que o público homossexual em João Pessoa sempre está próximo às classes artísticas e culturais.

Diante de tais conclusões, observa-se que essa centralidade conforma um relevante espaço na cidade de João Pessoa para discutir territórios plurais, assim como aprofundar as questões acerca das dinâmicas que fomentam a heterogeneidade sociourbana. Razão essa justificada não somente pelo caráter histórico de superposição de valores, apropriações e afetividades que se acumulam ao longo do tempo e caracterizam esse espaço urbano como uma colagem de multiplicidades (HARVEY, 2003), mas também pelos indícios que sugerem a praça e o largo enquanto espaços democráticos, nos quais se estabelecem relações entre diferentes sujeitos, inclusive de grupos sociais minoritários, como a população LGBTQ+. No entanto, apesar da ideia de diversidade social, as motivações que levam grupos distintos a fazerem uso do mesmo espaço ainda são desconhecidas.

Dessa forma, leva-se a questionar: quais os parâmetros que definem a praça e o largo como espaços propícios à diversidade? Seriam de caráter físico, espacial, cultural ou simbólico? Quais ações são desempenhadas no espaço? Quais dinâmicas possuem forte relevância no espaço? Há alguma interferência do espaço no comportamento dos indivíduos? Há alguma interferência de indivíduos no comportamento de outros indivíduos? Como se dá a interação entre os indivíduos? Como se dá a interação entre o indivíduo e o ambiente? Há alguma relação entre o fator diverso do espaço e a apropriação dos indivíduos? Há algum fator específico que fortalece a escolha dos indivíduos por esse espaço para a prática do lazer?

Para responder esses questionamentos, esta pesquisa surge com o objetivo de investigar as características físicas, espaciais, culturais e simbólicas da Praça Anthenor Navarro e do Largo São Frei Pedro Gonçalves, no bairro do Varadouro, na cidade de João Pessoa. Para alcançar o objetivo principal da pesquisa, fez-se

necessário traçar os seguintes objetivos específicos: investigar o contexto histórico do espaço, por meio de uma revisão bibliográfica que resultasse na compreensão dos impactos das transformações urbanas do lugar ao longo do tempo para a situação atual; analisar o contexto urbano da praça e do largo, apoiando-se em produções cartográficas que permitissem entender a morfologia urbana da área, bem como as edificações e seus usos; analisar as interações indivíduo-ambiente e indivíduo-indivíduo estabelecidas na praça e no largo durante o lazer noturno, através de observações que pudessem identificar as dinâmicas sociais do lugar, atentando em como as pessoas LGBTQ+ estão inseridas nelas; e, por fim, analisar a percepção dos indivíduos acerca do lugar e de suas dinâmicas, mediante entrevistas semiestruturadas que possam elucidar quais fatores favorecem esses sujeitos a frequentar, usar e se apropriar do espaço.

Essa pesquisa em aspectos mais amplos contribuirá para os estudos acerca do espaço urbano, abrindo o campo de discussão para as questões contemporâneas ainda pouco exploradas. O estudo suscita a necessidade de observar e pensar a cidade através de sua diversidade inerente, buscando e promovendo um desenvolvimento urbano mais democrático, onde os indivíduos usufruem do direito constitucional de acessar e viver a cidade. Nesse sentido, ao investigar dinâmicas da população LGBTQ+ dentro do contexto urbano, almeja-se fornecer indícios e suportes para o poder público e privado – não somente de João Pessoa – tomar iniciativas de políticas inclusivas que estejam atentas ao pluralismo da sociedade, a fim de atenuar os problemas sociourbanos. Além disso, espera-se que o esforço de ocupar com essa temática os espaços de produção científica, ainda que indiretamente, estimulará no fortalecimento da identidade LGBTQ+, enquanto uma comunidade que resiste e sobrevive aos mais diversos modelos de opressão.

Assim, a fase inicial foi caracterizada pela aproximação e pelo reconhecimento do lugar. Logo, realizou-se um levantamento in loco para identificar a configuração espacial e o uso e ocupação do solo da região, registrados em diário de campo. Em seguida, a pesquisa esteve ligada às ações praticadas e às relações indivíduo-indivíduo

e indivíduo-ambiente. Inicialmente com sessões de observação naturalista não participante durante à noite nas sextas-feiras e sábados, onde as informações proporcionaram diversas leituras e percepções sobre o espaço. Posteriormente, de forma a corroborar com o procedimento anterior, ocorreu a abordagem direta aos participantes voluntários a partir de entrevistas semiestruturadas, nas quais foram solicitadas questões identitárias e socioeconômicas dos indivíduos, quais atividades costumavam realizar e os fatores que os levavam a escolher aquele local para a prática do lazer noturno. Os dados dos procedimentos metodológicos – a observação e a entrevista – resultaram na composição de uma cartografia urbana do lugar que sintetizou as conclusões da análise, respondendo ao objetivo geral desse estudo.

A pesquisa foi realizada de acordo com as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, previstas pela Resolução 466/2012/CNS do Ministério da Saúde, sendo submetida e aprovada pelo colegiado do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba – CEP/HUWL, no dia 12 de junho de 2019, com o Parecer Consubstanciado de número 3.395.966⁶. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE foi apresentado aos participantes da entrevista, através do qual deram sua permissão assinando o documento. Foram destacados no TCLE os benefícios e riscos envolvidos na pesquisa com pessoas, de modo que os participantes poderiam pedir a interrupção da pesquisa a qualquer momento caso sentissem algum desconforto psicológico ou constrangimento relacionado à entrevista.

O estudo trata-se de uma pesquisa em campo, no qual permite o aprofundamento das informações através de diversos procedimentos, bem como o surgimento de novas perguntas ao longo do processo de coleta (GIL, 1991). Essa abordagem multimetodológica viabiliza diferentes estratégias de pesquisa, possibilitando uma confrontação, complementação e diálogo entre os dados obtidos e, assim, um melhor desenvolvimento da discussão. Além disso, trata-se de uma pesquisa descritiva, pois busca analisar a natureza de um fenômeno, suas características e

relações sem manipulá-lo (GIL, 1991), de abordagem qualitativa, envolvendo a observação naturalística, o registro do ambiente e a interpretação e análise de dados utilizando descrições e narrativas (THOMAS e NELSON, 1996), e de corte transversal, analisando um recorte temporal específico do objeto de estudo (SILVA, 2004).

Portanto, o primeiro capítulo trata das teorias abordadas nos campos temáticos deste trabalho, bem como a construção da metodologia e a aplicação de seus procedimentos. A primeira sessão tece o referencial teórico. Inicialmente, à luz da sociologia de Simmel, compreende-se como as formas de relacionamento e de vida acontecem no espaço urbano, utilizando sua concepção de sociedade e a noção sobre a distinção entre a sociação e a sociabilidade. Faz-se necessário também tratar de como sucede na cidade a produção de territórios, entendendo que hoje assumem uma noção mais ampla, dessa forma, os conceitos de territorialidade, multiterritorialidade e territórios plurais, à luz de Haesbart e Zambrano. Ainda, entende-se necessário esclarecer as noções de gênero e sexualidade que pautam a identidade da população LGBTQ+. A segunda sessão é dividida na construção teórica da metodologia e nos procedimentos metodológicos aplicados. Aborda-se o conceito da cartografia como ferramenta para a percepção da cidade, elucidando os parâmetros que compõem o método cartográfico. Nesse panorama, apresenta-se a metodologia da cartografia sensível urbana de Santiago Cao (2018), que inspirou na instrumentalização das observações. Em seguida, apresenta-se os instrumentos para a produção dos dados e como eles foram utilizados. O segundo capítulo aborda a contextualização do locus da pesquisa, analisando-o através de sua história para registrar os significados que compõem o lugar e de seu contexto atual que apresenta o uso e a ocupação de seus edifícios e, principalmente, identifica aqueles importantes para as dinâmicas durante o horário do lazer noturno. O terceiro capítulo apresenta as análises produzidas a partir das observações e dos relatos dos entrevistados, os resultados foram sintetizados na cartografia sensível urbana, que busca numa expressão simbólica e artística representar a percepção obtida durante o processo de investigação.

6 O projeto da pesquisa está disponível na Plataforma Brasil com o seguinte número: CAAE 14555819.7.0000.5183.

**ABORDAGEM
TEÓRICA
METODOLÓGICA**

SOCIEDADE E SOCIABILIDADE

Para Simmel, o estilo de vida moderno é caracterizado por um processo de racionalização nas relações de elementos de vida, reflexo de uma economia monetária que leva a “uma precisão, a uma segurança na determinação de igualdades e desigualdades, a uma univocidade nos acordos e combinações” (SIMMEL, 2005, p. 580). De forma que as condições de vida são, ao mesmo tempo, as causas e os efeitos desse atributo essencial.

Assim, esses mesmos aspectos também atuam na mais alta forma de subjetividade. O caráter blasé seria o fenômeno resultante das rápidas transformações e dos “estímulos nervosos” que a cidade e o estilo de vida moderno provocam. O autor enfatiza que:

A essência do caráter blasé é o embotamento frente à distinção das coisas; não no sentido de que elas não sejam percebidas, [...], mas sim de tal modo que o significado e o valor da distinção das coisas e com isso das próprias coisas são sentidos como nulos. (SIMMEL, 2005, p. 581)

Além disso:

[...] não é apenas a indiferença, mas sim, de modo mais freqüente do que somos capazes de perceber, uma leve aversão, uma estranheza e repulsa mútuas que, no momento de um contato próximo, causado por um motivo qualquer, poderia imediatamente rebentar em ódio e luta. (SIMMEL, 2005, p. 583)

Portanto, os indivíduos passam a agir através de uma autopreservação em relação ao outro, que os protege da indiferença e da “indistinção de sugestões recíprocas indiscriminadas”, realizando os afastamentos e as distâncias sem os quais esse tipo de vida não seria possível. Visto que:

[...] isso forma, com os motivos unificadores em sentido estrito, o todo indissociável da configuração

da vida na cidade grande: o que aparece aqui imediatamente como dissociação é na verdade apenas uma de suas formas elementares de socialização”. (SIMMEL, 2005, p. 583)

Em sua análise sociológica, Simmel trata dessas relações como estímulos complementares, que, apesar de evidenciar os elementos antagônicos, possuem atribuições positivas, quando observadas dentro do conjunto:

Assim como o universo precisa de “amor e ódio”, isto é, de forças atrativas e repulsivas, a fim de dispor de qualquer forma, do mesmo modo, a sociedade, também, para atingir uma forma determinada, precisa de alguma razão quantitativa de harmonia e desarmonia, de associação e de concorrência, de tendências favoráveis e desfavoráveis. Mas estas discórdias não são meros instrumentos sociológicos passivos ou instâncias negativas. Definitivamente, a sociedade não resulta apenas de forças sociais que lhes são positivas, e apenas na medida em que fatores negativos não as impeçam. Esta concepção comum é bastante superficial: a sociedade, tal como a conhecemos, é o resultado de ambas categorias de interação, que assim se manifestam como inteiramente positivas. (SIMMEL, 2011, p. 570-571)

Assim, o autor aborda os conflitos a partir de uma ampla visão sobre o conceito de unidade. Nesse ponto de vista, o antagônico não produz a interação social, todavia corrobora para o processo de surgimento e manutenção dos grupos sociais. Para ele:

Designa-se como “unidade” o consenso e concórdia dos indivíduos em interação, em oposição as suas discórdias, separações e desarmonias. Mas também se chama “unidade” ao total do grupo-síntese de pessoas, energias e formas, ou seja, a totalidade última desse grupo, uma totalidade que abrange tanto as relações estritamente unitárias de fala e as relações duais. (SIMMEL, 2011, p. 572)

A sociologia de Simmel (2006, p. 59) traz a noção de sociedade como “a interação entre indivíduos”, entendida através

das perspectivas de aproximações e afastamentos, com formas de participação e correlação entre os indivíduos, que “surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades”. Segundo ele:

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. (SIMMEL, 2006, p. 59-60)

Essas interações o autor chama de “conteúdo de sociação”, definido como “tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos”. Contudo, o conteúdo por si não faz sentido para sociação, ou seja, não leva à interação. Para tal, só atuam como “fatores de sociação, isto é, fazerem parte da dinâmica interacional, quando transformarem “a mera agregação isolada dos indivíduos em determinadas formas de estar com o outro e de ser para o outro que pertencem ao conceito geral de interação”. Acrescentando que:

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados –, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio de qual esses interesses se realizam. (SIMMEL, 2006, p. 60-61)

De acordo com Simmel a diferença entre sociação e sociabilidade está no “interesse”. As formas de estar com o outro, para o outro ou contra o outro, entendidas como sociação, ganham vida própria podendo ou não dar forma à sociabilidade. Logo, para ele, o fato de estar com o outro, para o outro ou contra o outro, por si só, não configura a sociabilidade. Assim, a sociabilidade está mais

associada às formas do que aos conteúdos da vida social, quando ele afirma:

O que é autenticamente “social” nessa existência é aquele ser com, para e contra com os quais os conteúdos ou interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade. (SIMMEL, 2006, p. 63-64)

A sociabilidade necessita estar acompanhada por “um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado. É preciso, então, que ambos os indivíduos estejam envolvidos e sintam prazer nessa interação. Envolvidos pelo “impulso da sociabilidade”, quando o processo de interação aconteça puramente, sem nenhum outro objetivo a não ser o de estar “sociado”.

Ainda, para o autor:

A sociabilidade se poupa dos atritos por meio de uma relação meramente formal com ela. Todavia, quanto mais perfeita for como sociabilidade, mais ela adquire da realidade, também para os homens de nível inferior, um papel simbólico que preenche suas vidas e lhes fornece um significado que o racionalismo superficial busca somente nos conteúdos concretos. (SIMMEL, 2006, p. 65)

Nesse desvencilhar-se da realidade, Simmel vê a sociabilidade como um “jogo de faz-de-conta”, como “forma autônoma ou lúdica da sociação”. Ao fazer esse “jogo da sociedade”, onde o prazer está no próprio jogo, ou seja, nada além do interesse em estar sociado, a sociabilidade torna-se dependente exclusivamente daqueles entre os quais ela acontece, inclusive de suas condições e de seus resultados, tornando-a limitada aos indivíduos que estão em sociação.

Posto isso, a obra de Simmel trata-se, portanto, da reciprocidade numa lógica espontânea da vida social. As relações sociais se reproduzem proporcionando ao indivíduo contatos frequentes, enquanto evidenciam os conflitos. Esse fluxo funciona como força propulsora para a formação incessante de laços de associação. De modo que:

[...] a sociedade, cuja vida se realiza num fluxo incessante, significa sempre que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros. A sociedade é também algo funcional, algo que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo, e que, de acordo com esse caráter fundamental, não se deveria falar de sociedade, mas de sociação. (SIMMEL, 2006, p. 18)

A importância da reciprocidade está na tenacidade das interações sociais para além do momento de sua criação. A firmeza está na relação em si, não no sentimento que a originou, a qual cria pontes de ligação entre os indivíduos, capazes de transformar um impulso ou um sentimento inicial e, assim, afetar as interações decorrentes. Dessa forma, as trocas exigem respostas.

Esse processo leva também à determinação de fronteiras. As trocas e as formas de sociação (SIMMEL, 2006) desenvolvem obrigações legais, instituídas e sustentadas, que são impostas aos indivíduos. Tais regras e leis sociais, ao serem estabelecidas apenas para retificar reciprocidades espontâneas insuficientes, não permitem gerar elos que garantam o seguimento da ação espontânea na vida social. Por isso, pode-se destacar a relevância na prática do reconhecimento (HONNETH, 2007) de todos por entre todos, que implica na reavaliação do senso comum e dos determinantes sociais que impõe sofrimentos psicológicos, incapacidade de livre expressão e desqualificação e indivíduos e grupos.

TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE

A cidade, então, torna-se cenário para o estilo de vida moderno, onde acontecem simultaneamente as trocas, os conflitos, as reciprocidades e os reconhecimentos. Devido a essa coexistência de identidades polifônicas e híbridas, a noção de cidade enquanto um conjunto funcional perde força para uma percepção mais ampla: a estrutura complexa de signos que constitui o tecido sociourbano. De fato, o espaço citadino é constantemente remodelado mediante uma construção subjetiva. Para Santos (1996), o espaço resulta da ação de artefatos articulados, tomando significado a partir das intencionalidades de uso que nele se materializam. O autor afirma que há uma intenção ao construir o espaço – elemento essencial na compreensão dos processos espaciais, pois é a ação humana com seus anseios sociais que molda novas formas e conteúdos para o espaço, alterando-o e conceituando-o constantemente.

Essas conceituações evocam as teorias da Revolução Urbana, que questionaram a dimensão concreta da cidade. Por sua vez, Lefèbvre (2008) explica, a partir das tensões entre totalidade e individualidade, que a cidade é construída e compreendida pelos sujeitos, ao mesmo tempo em que também interfere particularmente neles. Por isso, não se resume a uma dimensão material, ela é também um arranjo de relações, objetivadas por fatores econômicos, políticos e culturais que se diferenciam ao longo do tempo (LEFÈBVRE, 2008).

A matriz espacial harveniana também contribui para a percepção mais ampla da cidade, na qual a análise da construção histórica do espaço-ambiente é construída a partir da simultaneidade de três conceitos: espaço absoluto, espaço relativo e espaço relacional. Segundo Harvey (1980, p. 54), o espaço absoluto se refere a uma “existência independente da matéria”, às suas propriedades absolutas e exclusivas. Ele é fixo e onde ocorrem os eventos. Enquanto, o espaço relativo fala das

relações e da conectividade entre os espaços absolutos, a partir das conexões entre os objetos espacializados, oferecendo assim uma multiplicidade de localizações. E o espaço relacional trata das relações internas. Contesta a totalidade física do espaço, trazendo a ideia de “uma série de relações dentro do todo” e abrindo às interpretações e experiências diversas. Assim como o espaço relativo, ele não separa espaço e tempo.

Vê-se novamente que o espaço citadino não é vazio de conteúdo social, comportando-se não apenas como um palco imparcial para esses processos. Contrário a isso, a cidade espelha as dinâmicas sociais, ajudando a constituir, reproduzir e remoldar os fenômenos socioespaciais. Logo, por trás de uma suposta neutralidade, há uma tentativa de homogeneização social, a fim de consolidar as ideologias dominantes de poder (CORTÉS, 2008). No qual, o mesmo processo que gera diversidades é pautado numa lógica globalizada e capitalista que discrimina seres considerados não normalizados, a fim de refletir e perpetuar as ideias e os valores de um grupo dominante. Esse quadro tende a exclusão socioespacial de determinados grupos tidos como minorias de poder (HAESBAERT, 2002), interferindo na livre presença desses agentes sociais.

A segregação urbana acaba por fragmentar a cidade em recortes que definem conjuntos de pessoas com características, interesses e desejos semelhantes, produzindo assim, espacialidades homogêneas entre si – os territórios. São essas relações de elementos socioespaciais que configuram o território, o qual também não se reduz à dimensão material (HAESBAERT; LIMONAD, 2007). O território é uma rede de relações sociais de poder e dominação que se estabelecem no espaço, construído contextualmente e historicamente. De acordo com Santos (2005) é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social.

Além disso, apesar do sistema segregativo ter o intuito de dissolver tais laços territoriais, o efeito acontece inversamente: há uma aglutinação de sujeitos em torno de ideologias, símbolos e espaços que fortalecem suas identidades e estabelecem novas relações de poder (HAESBAERT, 2004). Esse processo de apropriação do espaço gera a territorialidade, que Côrrea (1994)

define como o conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantir a apropriação e a permanência de um dado território por determinado agente social. Ainda, esse processo detém uma flexibilidade, podendo as territorialidades se sobreporem no mesmo território, ora de forma concomitante, por meio de apropriações distintas por diferentes pessoas em um mesmo tempo e lugar, ora de forma alternada em períodos diferenciados (SOUZA, 1995).

Para o antropólogo colombiano Zambrano (2008, p. 18), é evidente que pode se suceder no mesmo espaço a convivência de uma multiplicidade de territórios e territorialidades, levando ou não à luta pelo território. Segundo ele, o espaço é figurado por “um cenário de conflito entre territorialidades, quer dizer, entre jurisdições, reais e imaginadas, que incidem sobre os territórios estruturados e habitados”. No entanto, o autor distingue as noções acerca da “pluralidade de territórios” e “territórios plurais”. Visto que, enquanto a pluralidade de territórios está ligada à multiplicidade, os territórios plurais, além dessa característica anterior, “concebem todo espaço terrestre ocupado por distintas representações sobre ele, que tendem a legitimar a jurisdição sobre os habitantes que nele residem, configurando a série de relações sociais entre as diferentes percepções de domínio”. Portanto, “permitem perceber, em cada unidade do múltiplo, a pluralidade de percepções territoriais estruturadas [a cotidianidade dos habitantes], estruturando [processo de construção] e estruturantes”. (ZAMBRANO, 2008, p. 29-30)

Segundo Haesbaert, o território, no sentido do espaço dominado e apropriado, incorpora uma noção multidimensional, compreendido apenas através da multiterritorialidade. A condição pós-moderna então suscita uma multiterritorialidade:

[...] resultante do domínio de um novo tipo de território, o território-rede em sentido estrito [...] Aqui, a perspectiva euclidiana de um espaço-superfície contínuo praticamente sucumbe à descontinuidade, à fragmentação e à simultaneidade de territórios que não podemos mais distinguir claramente onde começam e onde terminam ou, ainda, onde irão

“eclodir”, pois formações rizomáticas também são possíveis. (HAESBAERT, 2004, p. 348)

Assim sendo, para essa flexibilidade territorial do mundo pós-moderno faz-se importante então “ter acesso, ou aos meios que possibilitem a maior mobilidade física dentro da(s) rede(s), ou aos pontos de conexão que permitam “jogar” com as múltiplas modalidades de território existentes, criando a partir daí uma nova (multi)territorialidade.” Não se refere apenas à justaposição de múltiplos territórios, onde, ainda que imbricados, mantêm sua individualidade como “produto ou somatório de suas partes”, mas trata-se de “vivenciar essas múltiplas modalidades, de forma concomitante [...] ou sucessiva [...], num mesmo conjunto que, no caso dos indivíduos ou de alguns grupos, pode favorecer mais uma vez, agora não mais na forma de territórios-zona contínuos, um novo tipo de “experiência espacial integrada”. (HAESBAERT, 2004, p. 15-16)

IDENTIDADE E DIVERSIDADE

Ademais, esse estudo entende que se faz indispensável ampliar as noções acerca de gênero e de sexualidade, para que estas não se limitem à visão equivocada e marginalizadora do senso comum: a interpretação simplista da natureza humana, a partir do viés biológico. É importante ressaltar que o gênero e a sexualidade não estão limitados à dimensão pessoal, segundo Johnston e Longhurst (2010 apud BORGHI, 2014), eles também afetam os espaços do cotidiano e, como sugere Blidon (2009 apud BORGHI, 2014), representam um âmbito geopolítico significativo. Visto que a própria existência das diferenças socioculturais gera tensões no espaço urbano.

Desse modo, com influência dos estudos de Michel Foucault, a Teoria *Queer*⁷ surge, a partir dos anos 1990, como uma alternativa à lógica binária da sociedade (masculino/feminino, hétero/homo). Butler (2007) afirma que a distinção naturalizada de sexo/gênero, aliada a um construcionismo linguístico radical, reforça ainda mais as estruturas discriminatórias sociais, pois não reconhece em plenitude as especificidades existentes entre os indivíduos.

Nessa perspectiva, afirma-se que o sexo é uma parte íntima do corpo, que por si só não define papéis socioculturais e/ou psicológicos, mas apenas designa o sexo de nascimento de sujeitos (macho, fêmea ou intersexual). Por sua vez, o conceito de gênero não se refere ao sexo (aparelho genital) do indivíduo, mas a atributos que são construídos socialmente, historicamente e culturalmente (COSTA, 2004). O gênero é constantemente remodelado e reforçado por meio de símbolos, leis, normas e valores. É algo formado ao longo do tempo por meio de processos inconscientes, podendo ser completado e reformulado a partir das experiências humanas (HALL, 2006). Compreender essa complexidade nos ajuda a entender que o gênero influi diretamente na determinação dos papéis masculinos e femininos na sociedade, capazes até mesmo de influenciar a sexualidade humana. Isso porque a forma que o conceito de gênero é interpretado socialmente, naturaliza características e afirma o caráter social do ser feminino e do ser masculino (LOURO, 1997).

Além de ser parâmetro analítico da sexualidade humana, a conceituação de gênero também está relacionada às questões de poder. Tendo em vista que há uma valorização do masculino em detrimento do feminino, tal como há uma valorização da prática heterossexual em detrimento da prática homossexual. Dessa forma, é necessário ampliar a discussão acerca do que pode ser sexualidade, partindo da ideia de que:

7 A Teoria *Queer* abrange os estudos críticos ao padrão sexual contemporâneo que defendida tem o modelo heterossexual como o único correto e saudável. Os trabalhos dos autores *queer* entendem que esse modelo foi estabelecido para normatizar as relações sexuais – a normatividade social. Assim, buscam desconstruir a noção de que a sexualidade segue um curso natural, associando-se à contracultura com influências do movimento negro, dos movimentos feministas e do movimento LGBTQ+.

A sexualidade nos remete à nossa origem (quem somos, de onde viemos, como fomos concebidos) e, conseqüentemente, à origem do próprio conhecimento, da curiosidade e da disposição para aprender. Sexualidade tem a ver com identidade e com as infinitas maneiras de ser homem ou de ser mulher na sociedade e na cultura e com o caminho pessoal da construção de cada um (EGYPTO, 2009, p. 341).

Entende-se, portanto, que as identidades de gênero e as sexualidades são construções sociais, psicológicas e culturais, que devem ter suas complexidades consideradas. Ou seja, não há apenas uma forma de sexo, de gênero e de sexualidade. Por fim, entende-se ainda que, assim como a identidade de gênero e a sexualidade, o sexo biológico também não é definitivo, pois esses são transformáveis e adaptáveis a depender de fatores biológicos, sociais, culturais e psicológicos. Essa vontade pode-se dar pela não identificação da pessoa com o seu sexo biológico, fazendo ela se reconhecer com o gênero oposto do designado ao seu corpo, e podendo levar à redesignação de sexo, para que este se adeque ao gênero percebido pela pessoa (COSTA, 2004).

Nessa perspectiva, pensar nessas pautas relacionadas às construções de gênero e de sexualidade em contextos sociopolíticos, é refletir acerca das formações de grupos que se dispõem como sendo pluralidades contrapostas ao normativo predominante. Dessa forma, a comunidade LGBTQ+ se articula como um movimento social pluralizado e contracultural, para ser uma aversão ao padrão cisheteronormativo excludente por natureza. Pois, na complexidade quanto ao contexto de sexualidade envolvente desse grupo percebe-se a presença de homossexuais que variam entre lésbicas e gays, de bissexuais, de assexuais, entre outros. Da mesma maneira, o espectro de gênero em suas diversas vertentes do movimento se concentra nas populações trans, dentre esses transgêneros, travestis, não-binários, além de agêneros, outros gêneros fluídos e a intersexualidade. Ademais, para corroborar o caráter diversificado da comunidade citada, há também outras

expressões que não estariam relacionados necessariamente com o debate de gênero e de sexualidade como as *drag queens*, *cross-dressers* etc. Por fim, analisar e compreender a complexidade de variações presentes no corpo LGBTQ+ como um todo, diante de todas as suas disposições de gênero e de sexualidade, se torna, inclusive, uma proposta de questionar as razões pelas quais apenas um tipo de sexualidade e dois tipos de gênero são aceitos pela sociedade e impostos de forma violenta e institucionalizada.

REFLEXÃO TEÓRICA METODOLÓGICA

As reflexões teóricas acerca das temáticas deste trabalho apontam para uma metodologia que compreenda a cidade para além dos seus planos e linhas urbanas. Evocam uma abordagem que observe a cidade a partir das representações dos cenários urbanos dos sujeitos, das memórias, dos convívios e das experiências. Parte-se da ideia de entender como a morfologia – o cartesiano – se relaciona com as vivências – o sensível, revelando assim os sentidos e significados do espaço. Dessa forma, esta pesquisa, no intuito de identificar os elementos físicos, espaciais, culturais e simbólicos da Praça Anthenor Navarro e do Largo São Frei Pedro Gonçalves, inclina-se ao método cartográfico, buscando acompanhar os processos para tratar das práticas, das trocas e das tensões que se estabelecem nas possibilidades da cidade. Por isso, nesse momento, faz-se necessário uma abordagem acerca das noções teóricas da cartografia.

No campo do urbanismo, a cartografia permite lançar novos olhares sobre a cidade. Trata-se de desenhar a relação do homem com o seu lugar e a sua dimensão humana, não se limitando a planos e linhas. A cartografia de um lugar é composta por um conjunto de mapas, cada qual com objetivo e representação próprio. Ainda, a cartografia busca o conhecimento na alteridade, na produção de diferenças, nas

brechas, fornecendo pistas e estratégias à crítica de espaços construídos e à concepção de novos espaços públicos. Possibilita, assim, novas formas de apreensão da cidade.

Por sua vez, a cartografia⁸ é mapa e escrita. Os mapas carregam consigo valiosas informações sobre as cidades: as localizações, os relevos, os rios, as vegetações e outras infinidades. Representam os aspectos físicos, a parte descoberta. As cartas, por sua vez, transpassam o matérico e abarcam as questões submersas. Tocam nos “perceptos e afectos”⁹, nas sensações dos lugares e nas suas singularidades.

Deleuze e Guattari (1995), também refletem sobre a riqueza dos mapas. Os autores que escreveram a obra ‘Mil Platôs’ como sequência às teses de ‘O anti-Édipo’ abordam no primeiro ‘platô’ a introdução ao conceito do Rizoma e apresentam a cartografia como uma das características de um rizoma.

O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.22)

O mapa deve, portanto, ir além do cartesiano, do desenho urbano, precisa investigar as sinuosidades que o

corpo social compõe. Por meio de caminhos, trajetos e devires, o método cartográfico vem sendo difundido nos estudos das subjetividades coletivas, procurando se distanciar da ordem da representação para se aproximar da produção de realidades, consensos e problematizações.

A produção de mapas cartográficos acontece na experimentação de adentrar e conhecer territórios vividos, através do corpo situado sobre o papel, registrando diálogos e percepções. A cartografia urbana sensível, na qualidade de psicogeografia espacial, utiliza o corpo como instrumento. As intensidades urbanas compõem camadas epidérmicas, assumem uma pele intraurbana. O método de apreensão se faz justamente “no encontro do corpo com a carne da cidade” (DEBORD, 2003). A experiência corpórea está no observar, insistir, assimilar e habitar um território existencial. A proposta é, portanto, do pesquisador se incluir no território, passar a compor sua paisagem, acompanhar suas dinâmicas, atento sempre às expressões e particularidades. Importa para ele revelar as questões visíveis e invisíveis dentro dos limiares e fronteiras do lugar. Utiliza-se assim o conceito da deriva (DEBORD, 2003) como método para transgredir a racionalidade das representações dos espaços dominantes, resultando na criação de mapas de encontros, afectos, relações e forças que vão além da experiência e que levam a sentimentos e imaginários.

Fazendo parte da própria cartografia, o pesquisador capta essas informações não de maneira instrumentalizada, ele entra em um jogo que permite experienciar a cidade diretamente, reconhecendo nela os elementos e as forças presentes. O jogo é feito por caminhos errantes, sujeitando-se a contaminações durante o processo. De modo que, por vezes, a cartografia se funde à subjetividade do cartógrafo, já que durante esse processo ele também é atravessado por desejos e não apenas

8 Do grego charta=mapa/papel e graphein= escrita.

9 Os perceptos e afectos são sensações, são seres, que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Os afectos são os devires não humanos do homem, algo que passa de um ao outro. Enquanto os perceptos são as paisagens não humanas da natureza, são seres de sensação que conservam em si a hora de um dia, o grau de calor de um momento.

pelo aporte teórico. Tendo que a subjetividade é produzida a partir do encontro com o outro, não sendo passível de totalização ou de centralização no indivíduo, ela é essencialmente fabricada e modelada no registro do social. (GUATTARI & ROLNIK, 1996).

A composição cartográfica é feita de planos em contínuo movimento. Cartografar é acompanhar esse fluxo. De acordo com Barros, Kastrup (2015), o processo cartográfico é sinônimo de processualidade – “o coração da cartografia”, ao invés de processamento, no qual deve-se compreender que os territórios investigados já possuem um curso. Eles são dotados de uma espessura processual, que para as autoras é “tudo aquilo que impede que o território seja um meio ambiente composto de formas a serem representadas ou de informações a serem coletadas.” Assim, não há dados a serem coletados, há dados a serem produzidos. Visto que, na cartografia, o pesquisador constrói seus passos estando no próprio campo. “Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes.” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 58-59)

Nessa perspectiva teórica da cartografia, esta pesquisa, durante seu processo de experiências no território em questão, aproximou-se da metodologia da cartografia sensível em espaços públicos de Santiago Cao¹⁰ (2018), percebendo que essa seria um importante instrumento para a construção cartográfica do trabalho. Visto que para Cao, assim como para alguns autores supracitados, o espaço público é lugar de encontro de “diferentes modos de pensar, desejar e agir”. O método é, portanto, um “meio possível de ativar “escutas” nos territórios, [...] através da afetação corpo-a-corpo, [...] para cartografar a multiplicidade de discursos em ação que podem estar sendo “ditos” naquele fragmento da cidade”. A proposição é de:

[...] revelar quais são os con-textos aí ativos, entendendo por con-texto os saberes incorporados cotidianamente pelas pessoas que habitam e se relacionam nesses territórios. Saberes que, como se de um “texto” se tratasse, (in)formam a respeito de como temos que nos relacionar aí, tanto com as outras pessoas, quanto também com os espaços. (CAO, 2018, p. 9)

Dessa forma, para relatar esses contextos que compõem o território, Cao (2018, p.12) propõe observar o “conjunto de práticas sociais atravessadas pelas normas próprias de cada território, numa temporalidade específica”. As normalidades de um território, de certo modo, restringem as formas de pensar, desejar e agir dos sujeitos. Para ele, “tudo, nas realidades que habitamos, possui limites”. Interessa compreender o que está sendo limitado e quais normas respondem a essas limitações, entendendo que tais normas estão além da ordem do bem e do mal. Observar as normalidades de um território também requer estar atento aos seus desvios e transgressões, ao passo que todo limite pode ser extrapolado. Essas forças disruptivas geram tensões e conflitos no espaço, e tornam evidentes as diferenças. Cao define como desvio e transgressão:

[...] o movimento dentro das brechas dessa estrutura normalizadora. Potência disruptiva inicial que expande nesse con-texto as possibilidades de pensar, desejar, agir; mas que, ao longo do tempo, pode acabar sendo incorporado por ele, tornando-o uma prática aí normal. (CAO, 2018, p. 14)

A partir dessa noção de imposições e composições, o autor sugere analisar os limites como estrutura que organiza os corpos. Propõe, então, três tipologias de limites, caracterizando-os de acordo com suas qualidades, podendo ser matérico,

10 Santiago Cao (Buenos Aires, Argentina, 1974) é artista de performance, urbanista, professor e pesquisador de espaços públicos. É Mestre em Urbanismo na linha de pesquisa “Processos Urbanos Contemporâneos” da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Brasil. Possui Graduação em Artes Visuais pelo Instituto Universitário Nacional da Arte (IUNA) de Buenos Aires, Argentina. Coursou também o Bacharelado em Psicologia e possui experiência em poesia, teatro de rua e clown. Suas pesquisas se baseiam em torno dos Corpos nos espaços públicos, as normas que neles se ativam, e alguns possíveis modos de desviá-las através da Performance, as com-posições urbanas e de estudos filosóficos.

projetual e especular. Ele destaca ainda que, apesar de distingui-los, na realidade, os três se entrecruzam e se potenciam entre si. Segundo Cao (2018, p. 19), o limite matérico é uma imposição, representado por “um obstáculo palpável, explícito; capaz de impedir-nos de realizar algum tipo de prática ou de realizar as mesmas práticas, mas de maneiras diversas”. O limite projetual se relaciona à composição, é definido como barreiras imaginárias, linhas invisíveis construídas dentro de um contexto. Portanto, para percebê-lo é preciso que estejamos afetados pelos saberes do contexto. Enquanto, o limite especular trata-se da alteridade, o outro desconhecido, mas reconhecido. O autor justifica que:

Tenho proposto chamá-lo desse modo para associá-lo com as imagens que são refletidas nos espelhos. Não fazendo foco no observado senão no ato de observar e nos saberes que se ativam na hora de fazê-lo. Esse limite se encontrará tanto dentro da ordem da im-posição quanto também da com-posição. Será im-positivo pois, metaforicamente, se ficarmos em frente a um espelho poderemos observar que, ainda insistindo em nos posicionar fisicamente “deste lado”, nossa imagem será jogada para um “para além” do qual não necessariamente tivemos previamente aceitado participar. Im-positivo por nos impor (também) ocupar um lugar através da nossa imagem. Mas também será com-positivo, pois precisará ser ativado através dos outros. Pessoas que, afetadas por saberes que lhes habitam, irão ver-nos como imagens já conhecidas e, portanto, como corpos reconhecíveis, identificáveis; ainda que, paradoxalmente, não nos conheçam. (CAO, 2018, p. 23)

Santiago (2018, p. 27-29) destaca também a importância de observar os espaços conforme os afetos¹¹ que neles se sucedem. Para ele, espaços são “materialidades presentes nos territórios que têm a potência de afetar diretamente os corpos, organizando as práticas e formas de se relacionar aí, inibindo, restringindo ou propiciando determinados tipos de usos nessa parte da cidade”. Todavia, ressalta que “não são os espaços os que provocam ou incentivam às pessoas a realizar práticas desviantes ou transgressoras, senão os corpos quem tem a potência de não necessariamente se submeter às normas”. Assim, toma a posição de observar os corpos como potências disruptivas, mas sem excluir a potência normalizadora dos espaços. Por isso, há também a necessidade de observar os usos e as práticas – os quais o autor denomina de lugar – que acontecem nesses territórios. Enquanto, o espaço é o campo, o lugar é a dinâmica dentro desse campo. E segundo Cao (2018, p. 29), “se entendemos que todo corpo é uma potência afetiva disruptiva, esse movimento poderá tanto respeitar ou transgredir as normas, quanto também desviá-las sem necessariamente violá-las”. Logo, a cartografia sensível está para investigar os lugares que surgem nos espaços em determinado tempo, podendo num mesmo espaço se manifestar lugares diferentes em tempos diferentes ou num mesmo tempo. Portanto, o autor propõe três tipologias que poderiam estar associadas as qualidades distintas tanto para espaço quanto para usos. Os espaços públicos (ou agregadores) estão atrelados a espacialidades livres de limites – não somente físicos, possuem uma qualidade convidativa para ser ocupado de diversas maneiras. Os espaços privados (ou excludentes) são definidos por terem um acesso restrito, ocorrendo tanto por aspectos matéricos como por normas que controlam quem poderá habitá-los e quais práticas poderão ali ser desempenhadas. Os espaços íntimos (ou não convidativos),

11 Em tempos nos quais é frequente ouvir as pessoas associarem o afeto ao carinho – como se um fosse o sinônimo do outro – falar de Afetos se torna uma questão muito complexa. Assim, na tentativa de estabelecer uma diferenciação que nos ajude a pensar a respeito, iremos propor que, ainda concordando que o afeto não pode ser reduzido ao comumente chamado de “carinho”, também não negaremos que o carinho seja um tipo de afeto. Porém, se entendemos por afeto aquilo que pode aumentar ou diminuir a nossa potência de pensar, desejar, agir, não corresponderia reduzir o carinho – para além das boas intenções de quem o professa – entendendo-o como algo “bom” que só aumentaria a potência diante de outros afetos “maus” que a diminuiriam. Proporemos então que não há nada de bom ou de ruim nesse afeto. O carinho, dependendo da situação, pode tanto aumentar quanto diminuir nossa potência, e, portanto, inscreve-se numa complexidade maior. Às vezes, por carinho, tentando cuidar de uma pessoa, podemos inibi-la de realizar uma ação da qual ela seria capaz, mas que nossa intenção de protegê-la não a deixa sequer a tentar. (CAO, 2018, p. 27)

apesar de não haver limites físicos que impeça seu acesso, possui uma natureza que faz determinadas pessoas não se sentir convidadas a movimentar por ele. Para as práticas, o autor segue a mesma lógica. Os usos públicos (ou agregadores) possibilitam outros indivíduos a participarem deles ou ainda que outras práticas sejam desempenhadas simultaneamente nesse espaço. Os usos privados (ou excludentes) são praticados por uma ou mais pessoas que inibem outras pessoas a se envolver, ou que dificultem que diferentes usos aconteçam ao mesmo tempo ali. Os usos íntimos (ou não convidativos), ainda que não explicitamente, são desempenhados de forma a não convidar outras práticas a serem realizadas no espaço. (CAO, 2018) Por fim, Cao (2018, p. 42) explana que, no processo de cartografar o território, torna-se importante destacar dentre todas as afetações as mais significativas. Para ele, essa significância parte não dos interesses pessoais do pesquisador, mas na busca de identificar “aquilo que nesse território poderia estar sendo significativo em relação às tensões geradas pelos saberes projetados através dos con-textos aí ativos”. O autor denomina essas relevâncias de Central, podendo ser tantos espaços quantos usos. Não somente isso, também propõe identificar quais outros espaços e usos influenciam diretamente nessas dinâmicas, chamados de Anexos, de forma que, se desativados, a Central perderia sua força.

Desta forma, a proposição metodológica de Cao, em consonância com as teorias de Deleuze e Guattari, acompanha a ideia de composição da cartografia. Suas pontuações fornecem principalmente possíveis direções para observar o espaço. Essas direções, ainda que pareçam semelhantes, estruturam camadas de um mesmo lugar, que facilita sua análise e compreensão. Ao final, os resultados dessas leituras sobre o espaço permitem destacar as significâncias do lugar, esses elementos – ou símbolos – ao serem dispostos em um arranjo compõem a cartografia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a compreensão da cartografia, é importante elucidar como o processo de sua composição ocorreu, destacando as etapas, os instrumentos e o modo de operá-los. Assim, o primeiro passo para a construção cartográfica foi a aproximação do território por meio de visitas. Inicialmente, as visitas tinham a finalidade de conhecer as principais dinâmicas da praça e do largo, como o funcionamento dos estabelecimentos, os usos no espaço público, os indivíduos e os horários de frequência. As derivas – a pesquisa de campo – na Praça Anthenor Navarro e no Largo São Frei Pedro Gonçalves aconteceram durante todas as sextas-feiras e sábados, entre os dias 21 de junho e 20 de julho de 2019. Por ter como objeto de estudo a prática do lazer noturno, as sessões de observação ocorreram entre as 21h e as 3h, com um período máximo de três horas. As informações foram registradas num diário de campo, que facilita “na produção de dados de uma pesquisa e têm a função de transformar observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 70). O pesquisador percorreu entre os bares, as boates e os espaços de concentração do território, atento aos sujeitos e às práticas por eles desempenhadas. Apesar da apreensão, visou-se sendo imprescindível uma metodologia que fortalecesse o processamento dessas informações. Logo, critérios que direcionassem o olhar do cartógrafo para não somente tornar compreensível sua percepção do lugar, como também aprofundar nas questões pertinentes à pesquisa. Portanto, em um segundo momento, as observações passam a ser seguidas de acordo com os métodos de Santiago Cao (2018), citados anteriormente.

Todavia, percebeu-se que essas informações, obtidas através do corpo e da vivência do cartógrafo, necessitavam ser confrontadas com as realidades e os saberes dos sujeitos presentes no território, tanto para questionar as noções

do pesquisador quanto para assegurá-las. Outro ponto, a diversidade social do espaço, inclusive as questões relacionadas à população LGBTQ+, poderia ser aferida a partir de relatos dos sujeitos. Visto que “os relatos são exemplos de como a escrita, ancorada na experiência, performatizando os acontecimentos, pode contribuir para a produção de dados numa pesquisa” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 73). Posto isso, a etapa seguinte foi a realização de entrevistas semiestruturadas, construídas com três principais objetivos: identificar o sujeito a partir do seu contexto socioeconômico; indagar sobre as práticas e os pretextos interligados a elas; e investigar acerca da percepção dos sujeitos sobre o espaço e os outros indivíduos.

A primeira sessão de questões estava atrelada à identificação socioeconômica do entrevistado, perguntou-se: a identidade de gênero e sexualidade; a identidade étnico-racial; o ano de nascimento; a renda mensal; a escolaridade; o bairro de residência e o meio de transporte utilizado para chegar e sair do lugar. A segunda sessão questionava sobre os motivos que os levavam a escolherem aquele lugar para a prática do lazer noturno, bem como a relação dos indivíduos com os estabelecimentos. A última sessão, relacionada às percepções, indagava aos indivíduos se esses percebiam uma diversidade social na praça e no largo e como se sentiam em relação a isso. Aos sujeitos cishéteros, questionava-se, ainda, se eles reconheciam pessoas LGBTQ+ naquele espaço e como se sentiam em relação a isso. Aos sujeitos LGBTQ+, foi questionado se eles consideravam aquele espaço como seguro para exercer suas condições de gênero e sexualidade e os motivos.

As entrevistas ocorreram às sextas-feiras e aos sábados, entre os dias 10 e 24 de agosto de 2019. Com a preocupação de atingir certa quantidade e representatividade relevante, antes de dar início às entrevistas, eram realizadas contagens sistemáticas para se obter uma noção de amostragem. Os indivíduos presentes na praça e no largo eram contados a cada trinta minutos de tempo passado no local, e ao final, a soma das contagens passavam por uma média aritmética, resultando numa média aproximada de indivíduos para cada dia. A média

por dia variou entre 100 e 150 indivíduos, entre as 22h e às 1h. Durante os cinco dias foram realizadas 60 entrevistas.

Por fim, os procedimentos metodológicos, tanto as produções de dados nas etapas de observações quanto os relatos dos sujeitos, contribuíram para a construção das camadas de leitura do espaço, feitas pelo diálogo entre as percepções do cartógrafo e dos indivíduos, resultando assim na cartografia sensível da Praça Anthenor Navarro e do Largo São Frei Pedro Gonçalves, durante o seu horário de lazer noturno.

O CONTEXTO

CONTEXTO HISTÓRICO

O lugar que abriga a construção deste trabalho compõe parte de um dos cenários históricos da cidade de João Pessoa. Torna-se então importante apresentar um breve contexto do seu surgimento e dos processos de transformações por qual passou, a fim de entender quais valores e significados a área possui.

No início do século XX, parte desse contexto, a cidade baixa passou por significativas transformações urbanísticas que se inspiravam nos modelos europeus, dentre eles a Paris de Haussman, para a construção de uma cidade modernizada. De forma que foi necessário não somente remodelar a arquitetura, mas modificar os modos de vida urbana, criando assim novos espaços onde a elite emergente pudesse socializar. Dava-se início ao “processo de alterações na sociabilidade nos espaços públicos da cidade” (SCOCUGLIA, 2003, p. 116), caracterizado como uma protogentrificação (SMITH, 1996 apud SCOCUGLIA, 2003).

Nesse contexto de reformas urbanas, em 1932, surgiu a Praça Anthenor Navarro a partir da demolição de um quarteirão oitocentista e do prolongamento da Rua Maciel Pinheiro, substituindo o estreito caminho que levava ao Largo São Frei Pedro Gonçalves. Situado entre as ruas Padre Antônio Pereira e João Suassuna, o novo espaço público ficou conhecido como lugar da boemia noturna no bairro do Varadouro, possuindo grande visibilidade e uso público durante o começo do século XX.

Com o passar dos anos, diversos fatores levaram a “mudanças na composição social dos usuários do Centro Histórico, tanto para morar quanto para consumir” (SILVA, 2016, p. 75). As próprias renovações marcaram o lugar como área de concentração de serviços e atividades comerciais, e, com a predominância de tal função, ocasionaram o início do

esvaziamento de seu uso habitacional, pela população de maior poder aquisitivo que seguiu para os novos bairros residenciais como Trincheiras e Tambiá. Além da busca por bairros mais aprazíveis e tranquilos, essa população abastada procurava se distanciar da imagem de “zona de prostituição” que a Cidade Baixa ganhou devido aos bordéis próximos a Praça Anthenor Navarro, na Rua Maciel Pinheiro e, posteriormente, na Rua da Areia. Conforme relata Scocuglia (2003, p. 116), esses fatores “contribuíram para caracterizar as sociabilidades nessa área, segundo dois momentos distintos: o dia e a noite. O dia com o comércio, os serviços, etc. e à noite com a boemia e a prostituição”.

De acordo com Scocuglia (2003), entre a década de 1960 e meados da década de 1970, a sociabilidade do Varadouro era comum à de outros bairros, apesar da atividade noturna da prostituição e da boemia. Concentrava-se ali o comércio varejista e as principais atividades administrativas da cidade, serviços que logo são transferidos para outras localidades. No entanto, ainda na década de 1970, o Varadouro enfrentou um processo de perda da centralidade, o que agravou o seu desgaste. Além do comércio se tornando cada vez mais especializado e se deslocando para outras regiões, havia uma “fuga permanente do capital público e privado para outras partes da cidade, para outras áreas mais bem-dotadas de condições urbanas, para outros centros que passam a se constituir” (VILLAÇA, 1989 apud SILVA, 2016, p. 80).

No sentido de “rememorar a fase de maior prestígio, visibilidade e uso público do centro antigo da cidade de João Pessoa – as décadas de 1920/1930” (SCOCUGLIA, 2003, p. 104), o Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa escolheu a Praça Anthenor Navarro, o Largo São Frei Pedro Gonçalves e suas adjacências como principais objetos para a revitalização. A intervenção de resgate ao passado também estava ligada ao desejo de transformar o caráter marginal tão evidente na área, através da “produção de uma nova imagem que atraísse para seu entorno novos tipos de uso e formas de ocupação econômicas” (SILVA, 2016, p. 147).

Scocuglia reflete sobre o projeto na Praça Anthenor Navarro e no Largo de São Pedro Gonçalves, percebendo que ele representa:

[...] não só o início da gentrification do processo de revitalização em João Pessoa, como também o início de um processo de realocização da tradição paraibana, através da construção de uma paisagem de poder reivindicada como lugar de origem da cidade e expressão de sua cultura. Foi o começo das mudanças no uso do solo no bairro do Varadouro. (SCOCUGLIA, 2003, p. 218)

As transformações se deram no deslocamento de atividades incompatíveis ao local para outras ruas próximas, como o prostíbulo que funcionava em um dos casarões antigos, sendo transferido para a Rua da Areia, visto que, segundo os idealizadores da intervenção, sua atividade não se adequava à nova realidade do lugar. A dinâmica da praça foi transformada ainda com as modificações em sua configuração espacial, em especial, a pedestrianização de uma de suas laterais, e, ao ampliar o seu espaço, criou área para as mesas dos bares e possibilitou a realização de eventos culturais. A calçada foi recuperada e novos mobiliários foram implantados juntamente com adoção do paisagismo proposto em três canteiros.

Os efeitos surtiram entre os anos de 1997 e 2000, quando a Praça e o Largo possuíam destaque na cidade de João Pessoa. A área revitalizada atraía à noite nos finais de semana um público a fim de consumir as atividades culturais. Era lugar de “efervescência cultural”, de encontro e diversão noturna, proporcionado por diversos bares e casas de show, ateliês e boates.

Assim sendo, a intervenção na Praça e no Largo provocou mudanças na paisagem urbana, possibilitando novas sociabilidades, no entanto, não conseguiu reduzir os contrastes que marcavam a região nem tampouco a tendência ao seu esvaziamento noturno. Posto que, no decorrer dos anos, a área perde a sua evidência, e “o que se percebe é que se criaram espaços de sociabilidades efêmeras, pois o

que gradativamente voltou a ocorrer com o passar dos anos foi um novo “esvaziamento” do local” (GONÇALVES, 2014 apud SILVA, 2016, p. 158). Em 2002, os bares e galerias de arte haviam sido fechados, os eventos diminuídos e os indivíduos que frequentavam a praça já não era tanto. Embora poucos, o lugar ainda era utilizado para “encontro de grupos de gerações diversas” que procuravam ali “espaços alternativos fora dos circuitos de consumo de massa”.

Portanto, para Scocuglia, o processo de gentrificação da Praça e do Largo resultou na produção de:

[...] um espaço delimitado por fronteiras que definem formas de se interagir com essa tradição reapropriada e resignificada como objeto de consumo e como arte/cultura. Significa dizer que não há uma forma casual de se chegar ao centro histórico, à Praça Anthenor Navarro e ao Largo de São Pedro Gonçalves, nem é possível permanecer ali de modo fortuito. Para ir ao bairro do Varadouro e, em especial, às áreas revitalizadas, é necessário fazer escolhas (de espaços), elaborar critérios (de percursos), traçar táticas (de permanência), qualificar e ocupar espaços (tornando-os lugares). Ao invés de um espaço homogêneo em sua configuração social, a Praça Anthenor Navarro e o Largo de São Pedro Gonçalves se tornaram espaços públicos entrecortados por diferentes representações sobre o que significa frequentar e interagir em seus espaços e com essa tradição reapropriada e re-significada. (SCOCUGLIA, 2003, p. 236)

Entende-se, portanto, a importância da praça e do largo, enquanto espaços historicamente estruturantes para as dinâmicas sociais em João Pessoa. Vê-se que sua última transformação criou no imaginário social a ideia de um espaço de forte ligação com a expressão cultural da cidade. Por fim, a figura 2 apresenta a Praça Anthenor Navarro em diferentes momentos, destacando assim a transformação que passou.



Figura 2 - Praça Anthenor Navarro nos anos 1930, 1987, 2002 e 2009, respectivamente.
Fontes: [A] Humberto Nóbrega; [B] Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa; [C] Memória JP; [D] Max Brito.

CONTEXTO URBANO ATUAL

A Praça Anthenor Navarro e o Largo São Frei Pedro Gonçalves que, desde o ano de 2007, pertencem à área de tombamento do IPHAN e do IPHAEP, possuem atualmente dinâmicas urbanas que se diferem, a depender do dia da semana e do horário. Além de outras condicionantes, isso se deve muito ao caráter diversificado das edificações em suas proximidades. Dentre eles o uso institucional, como a Igreja de São Frei Pedro Gonçalves, o Hotel Globo – atualmente utilizado para fins turísticos e atividades artísticas e culturais, o IAB.pb – sede paraibana do Instituto de Arquitetos do Brasil e a Fundação Cultural de João Pessoa – entidade de direito público subordinada à Secretaria de Educação e Cultura do Município de João Pessoa. E, o mais recente Residencial Villa Sanhauá, onde houve a revitalização dos antigos casarões da Rua João Suassuna, inaugurados no final de 2018, eles agora são de uso habitacional e comercial para profissionais ligados à produção artística e cultural da cidade.

Para essa pesquisa, foi importante conhecer os estabelecimentos de uso comercial, que possibilitavam, principalmente, a atividade do lazer noturno, representados pelo Vila do Porto – restaurante e casa de show, a boate Hera Bárbara, o Centro Cultural Espaço Mundo – restaurante self service e bar pub, o Casarão 39 - casa de show, e o Djaba RockPuc, bar e boate. Esses desempenham papéis fundamentais nas dinâmicas observadas da praça e do largo, como será apresentando a seguir.

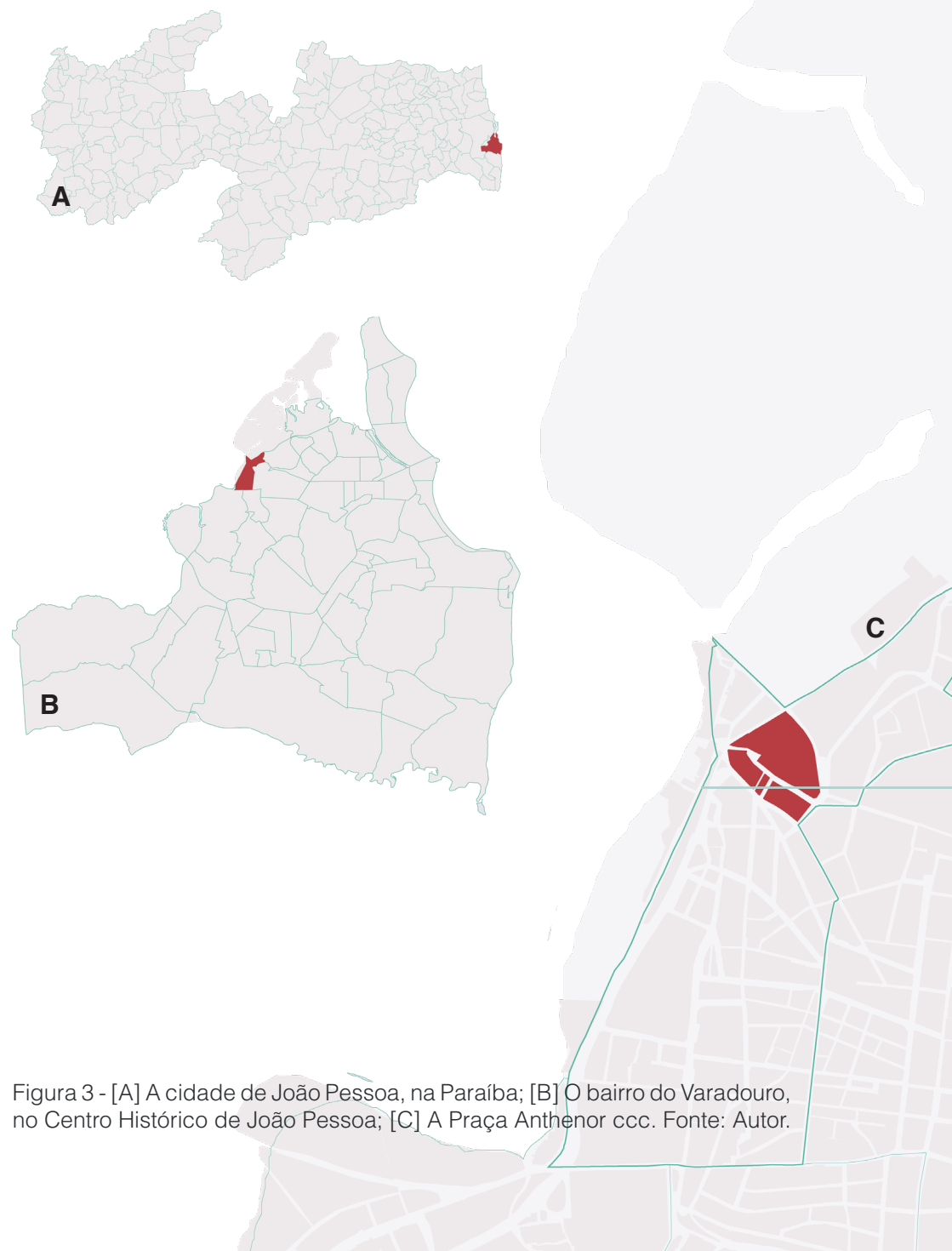


Figura 3 - [A] A cidade de João Pessoa, na Paraíba; [B] O bairro do Varadouro, no Centro Histórico de João Pessoa; [C] A Praça Anthenor ccc. Fonte: Autor.

LEGENDA

- USO COMERCIAL
- USO INSTITUCIONAL
- USO RESIDENCIAL
- VAZIO URBANO

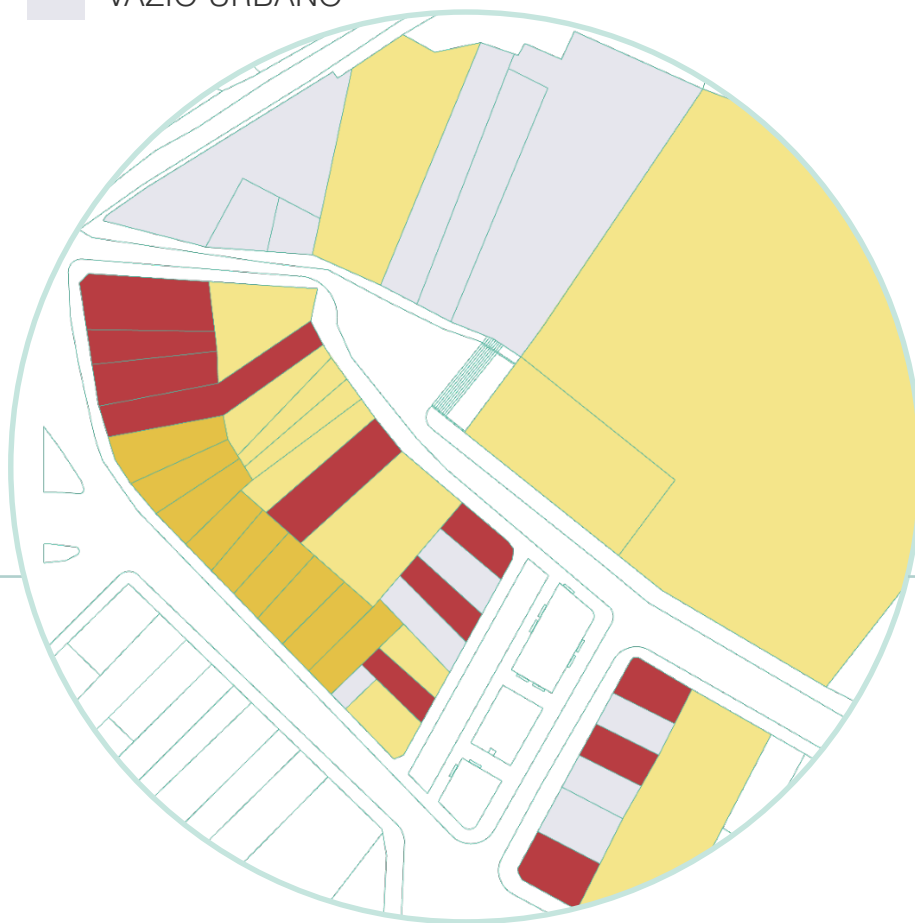


Figura 4 - Uso e ocupação da região em torno da Praça Anthenor Navarro e do Largo São Frei Pedro Gonçalves Fonte: Autor.

LEGENDA

- 01_Hotel Globo**
- 02_Igreja de São Frei Pedro Gonçalves**
- 03_Convento de São Frei Pedro Gonçalves**
- 04_Instituto dos Arquitetos PB**
- 05_Fundação Cultural de João Pessoa**
- 06_IPHAN**
- 07_Museu de Esculturas Jurandir Maciel**
- 08_Residencial Villa Sanhauá**
- 09_Oficina Escola De João Pessoa**
- 10_Vila do Porto**
- 11_Espaço Mundo**
- 12_Casarão 39**
- 13_Hera Bárbara/Djaba RockPub**

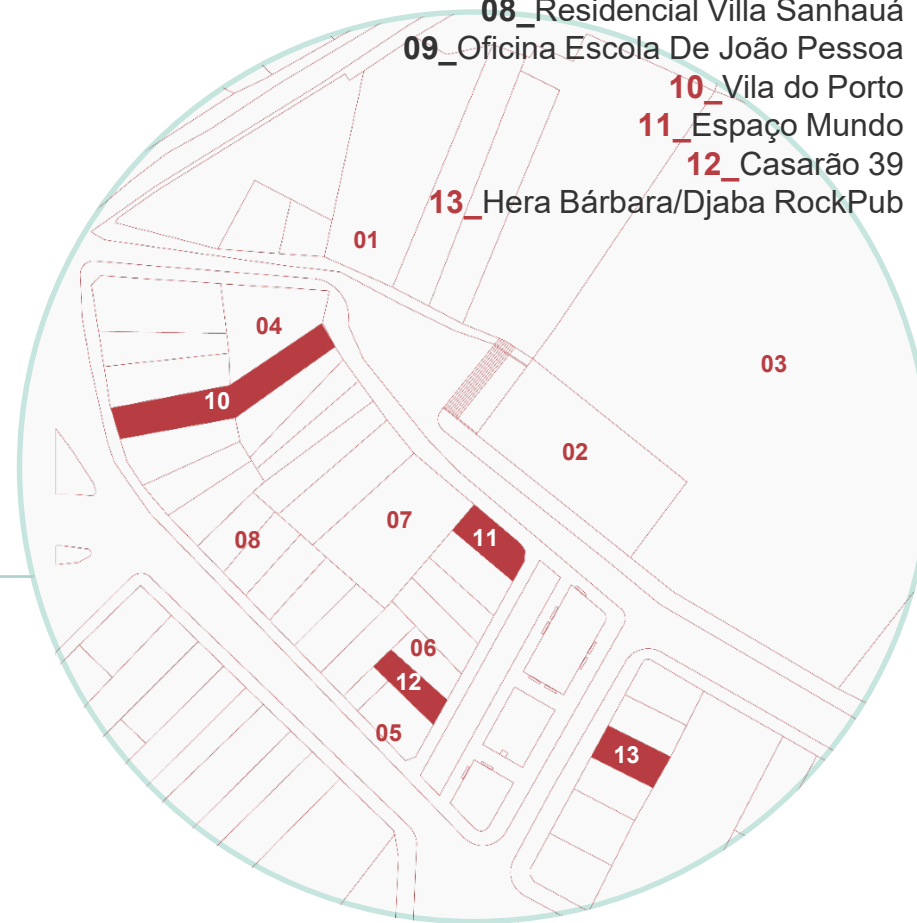


Figura 5 - Destaque das edificações na região em torno da Praça Anthenor Navarro e do Largo São Frei Pedro Gonçalves Fonte: Autor.

CARTOGRAFIA SENSÍVEL URBANA

Ao observar as sociabilidades na Praça Anthenor Navarro e no Largo São Frei Pedro Gonçalves, percebeu-se que as interações acontecem quando há afinidades entre os sujeitos nas suas intenções, desejos e atividades, conformando múltiplos agrupamentos de indivíduos pelo espaço. Pode-se falar, portanto, num processo de identificação, o qual atrela os sujeitos a uma rede de interesses, ações e signos. Essa rede de interação não engloba somente os sujeitos em si, mas também as coisas e os atores não humanos, os actantes, que desempenham fortes papéis nas dinâmicas. Destaca-se como actantes da praça e do largo: as bebidas, os cigarros, o loló¹², as motocicletas, os carros, os aparelhos de som portáteis, os celulares, as vestimentas e as mesas. A importância não está nos objetos em si, mas na relação destes com os indivíduos. Visto que, segundo Latour, os sujeitos constituem uma rede social, pois interagem tanto com outros sujeitos como com outros materiais. Apesar de sua fluidez, a rede é analisada na sua estabilização, na interpretação das diversas interações dos sujeitos e dos actantes que nela atuam. Ao descrever a rede e seus nós, portanto, apesar das dinâmicas próprias, estaremos tomando-a como algo estático.

Assim, este capítulo constrói uma descrição da rede-território da Praça Anthenor Navarro e do Largo São Frei Pedro Gonçalves, utilizando como parâmetro a metodologia de Santiago Cao (2018), que se desdobrou em quatro camadas de leitura: **1**_os fluxos e as permanências; **2**_as ações e as práticas; **3**_os espaços e os usos; e, **4**_ os limites. Portanto, cada tópico irá abordar um parâmetro diferente – e complementar – do espaço, fazendo o uso principalmente da percepção do pesquisador e, quando possível, dos entrevistados. Ainda, a estabilização da rede acontece também amparada em mapas e figuras, que auxiliam na compreensão do seu caráter dinâmico, visto que essa análise é justamente o acompanhamento de um processo.

Inspiradas pela metodologia de Cao (2018) a primeira camada de leitura observa a rede-território através dos fluxos e das permanências. Trata-se, portanto, de identificar os nucleamentos de cheios e vazios que a compõem, destacando ainda a influência das características espaciais nisso. A segunda leitura está relacionada às ações e às práticas dos indivíduos, identificando-as através dos polos atratores que as mesmas estão diretamente relacionadas. A terceira leitura diz sobre os espaços e os usos a partir de suas tipologias qualitativas, podem ser: públicos ou agregadores; privados ou excludentes; e íntimos ou não convidativos. A última leitura aborda os limites que regem as dinâmicas da rede-território, abrangendo desde as barreiras físicas até os distanciamentos dos sujeitos que surgem na relação com o outro. Por fim, através dessas perspectivas de análise, buscou-se sintetizar a rede-território numa colagem de símbolos e representações que compuseram a sua cartografia.

12 Entorpecente inalante composto por clorofórmio, éter e essência perfumada, também conhecido por “lança-perfume”, “cheirinho” ou “cheirinho da loló”.

FLUXOS E PERMANÊNCIAS

De início, foi percebido que a intensidade dos fluxos, das ações e dos encontros na Praça Anthenor Navarro e no Largo São Frei Pedro Gonçalves variam: um primeiro momento de intensidade branda, com a chegada dos indivíduos; um segundo momento intermediário, onde a intensidade chega ao seu ápice; e um terceiro momento de intensidade moderada, devido a saída dos indivíduos. Dessa forma, tanto na sexta-feira como no sábado, o espaço começa a ser frequentado a partir das 22h. Visto que, apesar de alguns estabelecimentos já funcionarem desde o começo da noite, os eventos oferecidos são marcados às 23h, é, então, somente entre 00h e 2h que a efervescência atinge sua plenitude no lugar. Depois disso, a partir das 2h, dar-se início ao esvaziamento do lugar, normalmente, com os últimos – e poucos – indivíduos ficando até às 05h, pois é neste horário que o transporte público da cidade de João Pessoa retoma sua circulação.

A intensidade dos fluxos, ainda que oscilante, marca o território com um dinamismo constante. Os sujeitos estão em frequentes encontros, interações, trocas, coalizões, cruzamentos, atravessamentos, choques ou conflitos – esses últimos não como sinônimo de violência, mas de tensões. De certo modo, essas movimentações condicionam uma organização espacial. Ao examiná-las, é possível perceber as múltiplas possibilidades para a ocupação do território. Há sujeitos que frequentam somente os estabelecimentos privados, sujeitos que optam por permanecer no espaço público, sujeitos que alternam diversas vezes ao longo da noite entre os dois, sujeitos que escolhem lugares fixos, sujeitos que mudam sua posição ocasionalmente, sujeitos que preferem circular por toda a área, dentre outros. Essa percepção é confirmada nos relatos a seguir:

Eu gosto de vir especificamente no Vila do Porto [...] porque eu acho que é a casa de show que mais

abrange as “tribos”, a galera é mais diversificada que vai. (Entrevistada 11)

Não costumo ficar num canto só não, eu gosto de ficar circulando mesmo [...] Onde a galera tá eu vou. (Entrevistada 05)

Prefiro ficar aqui na praça consumindo [...] porque eu não preciso pagar tão caro a compra de alguma coisa nos lugares, tá entendendo? [...] Eu bebo aqui mesmo [...] Às vezes, eu ainda trago a bebida. (Entrevistado 47)

“Eu fico geralmente na praça, propriamente dita. E às vezes eu vou a festas no Vila do Porto. [...] Aqui [na praça] fico mais livre, às vezes a gente traz cerveja ou a cerveja aqui [nos vendedores ambulantes] é mais barata, ou a gente não quer ir pra nenhum lugar fechado. E lá [no Vila do Porto] é porque de vez em quando rola umas festas que a gente gosta da música e tudo mais e acaba indo pra lá. (Entrevistado 14)

Como possível ver na figura 6, entre 21h e 23h, intervalo de tempo em que muitos indivíduos estão chegando no lugar, é possível perceber que a partir dos pontos de chegada os deslocamentos se desdobram em direção, principalmente, aos estabelecimentos já abertos, como o Espaço Mundo, às áreas próximas aos estabelecimentos ainda fechados e aos vendedores ambulantes, criando assim fluxos de menor intensidade entre esses espaços. As permanências durante esse horário estão adensadas em lugares mais amplos, principalmente ao norte da praça, onde é possível ter uma visibilidade maior do que ocorre tanto na praça como no largo. Essa observação aparece explícita na fala do entrevistado 04:

“[...] quando a gente chega mais cedo, prefere ficar bebendo por aqui mesmo [...] nos bancos (em frente ao Espaço Mundo). É mais seguro [...] Por ter mais gente, né? Eu acho que também é um lugar que dá pra ver tudo que tá rolando, né? [...] Dá pra ver ali (no Largo), a galera que fica aqui nos espetinhos, a galera lá de baixo



LEGENDAS

- | | | |
|-----------------------------------|---------------------|-----------------------------------|
| 1_Espaço Mundo | ● Permanências | ■ Área dos vendedores ambulantes |
| 2_Casarão 39 | ★ Pontos de chegada | — Fluxos de maior intensidade |
| 3_Hera Bárbara/Djaba RockPub | ▲ Ponto de ônibus | - - - Fluxos de menor intensidade |
| 4_Vila do Porto | ▲ Posto policial | |
| 5_Igreja São Frei Pedro Gonçalves | | |
| 6_Busto | | |

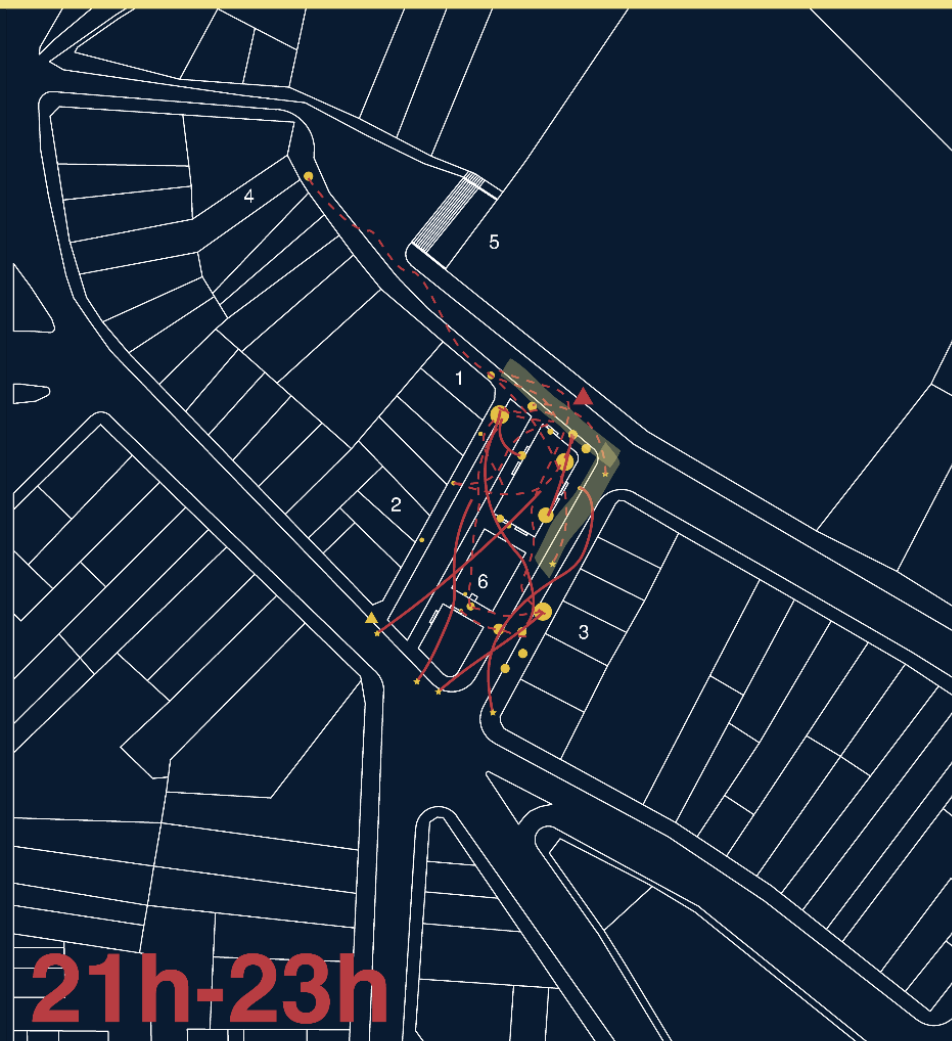


Figura 6 - Mapa sobre fluxos e permanências. Fonte: Autor.

(no busto). Eu acho melhor.” (Entrevistado 04)

Por sua vez, esses espaços de permanência estão concentrados nas mesas e arredores do Espaço Mundo, nas mesas dos ambulantes e nas proximidades das barracas, no busto e em alguns bancos ao lado norte da praça. Já o largo concentra poucos indivíduos, que em sua maioria esperam o Vila do Porto abrir.

A influência das espacialidades também está ligada à busca por abrigos ou espaços cobertos. Enquanto os indivíduos que frequentam os estabelecimentos possuem o abrigo das áreas internas – ou até mesmo nas áreas externas com mesas do Espaço Mundo e do Casarão 39, visto que em dias chuvosos os estabelecimentos colocam tendas, o mesmo não ocorre para aqueles que só utilizam o espaço público. Dessa forma, percebeu-se que as mesas disponibilizadas pelos vendedores ambulantes estão concentradas na região onde há mais vegetação de grande porte na praça. Não ocasional, os indivíduos ali, de certa forma, estão protegidos em casos de chuva. Já os sujeitos que não as utilizam, costumam se dividir entre as barracas dos ambulantes que possuem guarda-sóis e as vegetações espalhadas pela praça.

Já entre 00h e 2h, quando se tem uma maior quantidade de indivíduos, há, portanto, o surgimento de novos espaços de permanência, agora, outras espacialidades intermediam as andanças no território. Ao contrário dos horários mais cedos, surge a procura por espaços “escondidos”, onde a visibilidade é menor. A escadaria da igreja, por exemplo, durante esse período torna-se um influente espaço de permanência, atraindo um fluxo de pessoas para a sua região. As permanências parecem se pulverizar mais pelo espaço devido principalmente a intensificação dos fluxos dos sujeitos entre os diversos polos atratores que dinamizam a rede-território. Por exemplo, as imediações do Djaba RockPub e do Hera Bárbara – estabelecimentos que a partir desse horário começam a funcionar – atuam como importantes lugares de agregações, participando dessa rede de movimentações. Nessas situações, portanto, destacam-se os espaços de transição entre as concentrações. Eles são caracterizados pelo constante fluxo

de indivíduos, principalmente porque ligam um polo ao outro. São esses: a lateral do Espaço Mundo, que estabelece a ligação entre a praça e o largo; a fachada dos casarios entre o Espaço Mundo e o Casarão 39; e o canteiro central da praça, onde se concentra os cruzamentos dos fluxos.

AÇÕES E PRÁTICAS

A leitura anterior permitiu perceber que as permanências acontecem principalmente em torno de algum polo atrator. Após identifica-los na rede-território, passou-se a observar os contextos que os compõem. Focando nas socializações dos sujeitos, percebeu-se que essas estão ligadas principalmente à comercialização e consumo de substâncias lícitas, substâncias ilícitas e de alimentos, ao ato de escutar música e de dançar, ir à festas, eventos e show, aos encontros, ao flerte, paquera e namoro, à conversa, entre outros. Nesse sentido, as falas dos entrevistados demonstram o interesse pelo lugar.

[É] um lugar pra desestressar a mente. [...] Geral que vem é só pra curtir, “tomar uma”, “fumar um”, curtir sua vibe. [Todo mundo] quer um local pra poder praticar o que quiser [...] quer um local que se sinta à vontade. (Entrevistado 17)

Eu venho pra encontrar com os meus amigos, curtir, tomar uma cerveja, escutar uma musica [...] (Entrevistada 27)

Eu estou aqui por causa da questão musical [...] principalmente porque eu sou músico e compositor. Então, eu analiso muito isso. [...] O espaço cultural também [...] por ser um patrimônio histórico. (Entrevistado 47)

[Sou motivada a vir aqui] pelos eventos. [...] Por aqui tem mais [...] Como é que eu posso dizer?

[...] Eventos voltados a rock, gótico [...] A gente só vem pra cá quando tem evento especificamente (Entrevistado 46)

[Venho] porque aqui é melhor, tá ligado? Aqui é um canto que dá pra se divertir [...] Tem os policial mas não é nenhum [problema] não. O pessoal se diverte assim mesmo [...] Usa droga assim mesmo [...] Eu nem ligo. (Entrevistada 13)

Entendendo essa multiplicidade de desejos e interesses, a análise das ações na rede-território acontece a partir da descrição das dinâmicas que ocorrem em seus polos atratores, entendendo que esses podem ser representados por elementos físicos, espaciais ou simbólicos, essa leitura é representada na figura 7.

O polo atrator do busto é caracterizado por certa hibridez, comportando-se em muitas das vezes como a soma das forças de outros polos atratores. Como mencionado anterior, o público do Hera Bárbara e do Djaba RockPub em diversos momentos da noite ocupavam a região. É no busto, por exemplo, onde acontece o “esquenta” que, como o entrevistado 19 explica, consiste no ato de ingerir bebidas alcoólicas antes de ir à festa. Esse momento serve tanto para economizar, visto que muitas das bebidas são trazidas ou compradas nos vendedores ambulantes, como também para a sociabilização dos sujeitos. Em outras ocasiões, alguns grupos traziam as próprias bebidas, geralmente em coolers ou isopor, e, com o aparato de aparelhos de som portáteis, socializavam ali mesmo entre o busto e os bancos da praça, sem necessariamente prosseguirem para uma festa.

Outro polo atrator são os vendedores ambulantes, que devido à sua extensão abrangem uma área mais extensa. As dinâmicas decorrem em sua maioria em torno das barracas – algumas disponibilizam mesas para aqueles que preferem estar sentados, outras possuem o aparato do som, como a “Barraca do Reggae”, que acaba por concentrar vários indivíduos a sua volta. As mesas ocupam grande parte do canteiro à norte da praça e a faixa de calçada adjacente, estendendo-se até o outro lado da rua, onde estão locadas outras barracas. Além disso, por

ser um lugar de intensa comercialização, torna-se um polo que abraça diversas possibilidades. Há os sujeitos que socializam em torno das mesas, consumindo dos ambulantes ou das bebidas que trazem consigo, ficam sentados ou permanecem em pé – aqueles que gostam de dançar ocasionalmente. Há os sujeitos que compram nas barracas e se posicionam próximos aos bancos, esses socializam conformando vários círculos de amigos e conhecidos. Como citado anteriormente, há ainda os sujeitos que, apesar de frequentar os estabelecimentos, consomem dos vendedores ambulantes, tornando, portanto, esse polo o responsável por parte dos constantes fluxos no território. Nos relatos, essa questão é fator decisivo para muitos indivíduos, visto que para eles os vendedores ambulantes representam uma alternativa aos estabelecimentos que cobram ingresso ou que possuem uma faixa de preço mais alta.

Pode-se observar que a escadaria da igreja também se trata de um polo atrator. Localizado no largo, o espaço tem uma posição mais reservada em relação ao restante do território, portanto, está longe da observação tanto dos indivíduos da praça quanto da polícia. Esse fator permitiu presenciar ali certa liberdade nas sociabilidades. Assim, como pode ser visto na figura ao lado, os degraus da escadaria são utilizados pelos sujeitos, que bebem, fumam e conversam sentados em grupo. Muitos círculos, além de bebida e cigarros, levam caixas de som portáteis, o que torna o lugar ainda mais movimentado. Outros indivíduos repetem as mesmas dinâmicas próximos às portas da igreja ou nas muretas laterais. Além disso, ainda mais reservados, ao leste da igreja, alguns sujeitos aproveitam o espaço formado entre os muros e a árvore para terem práticas mais íntimas, como os namoros, as “pegações” e o consumo de entorpecentes.

O polo atrator Vila do Porto, localizado no largo, altera sua dinâmica de acordo com o tipo de evento que ocorre no estabelecimento. As variações estão ligadas ao horário e ao tipo de música que irá tocar nas festas. Se o evento começa cedo, às 20h, por exemplo, percebe-se que a movimentação de pessoas fica condensada no interior da casa. Esse público também acaba por se ausentar mais cedo, deixando as imediações do

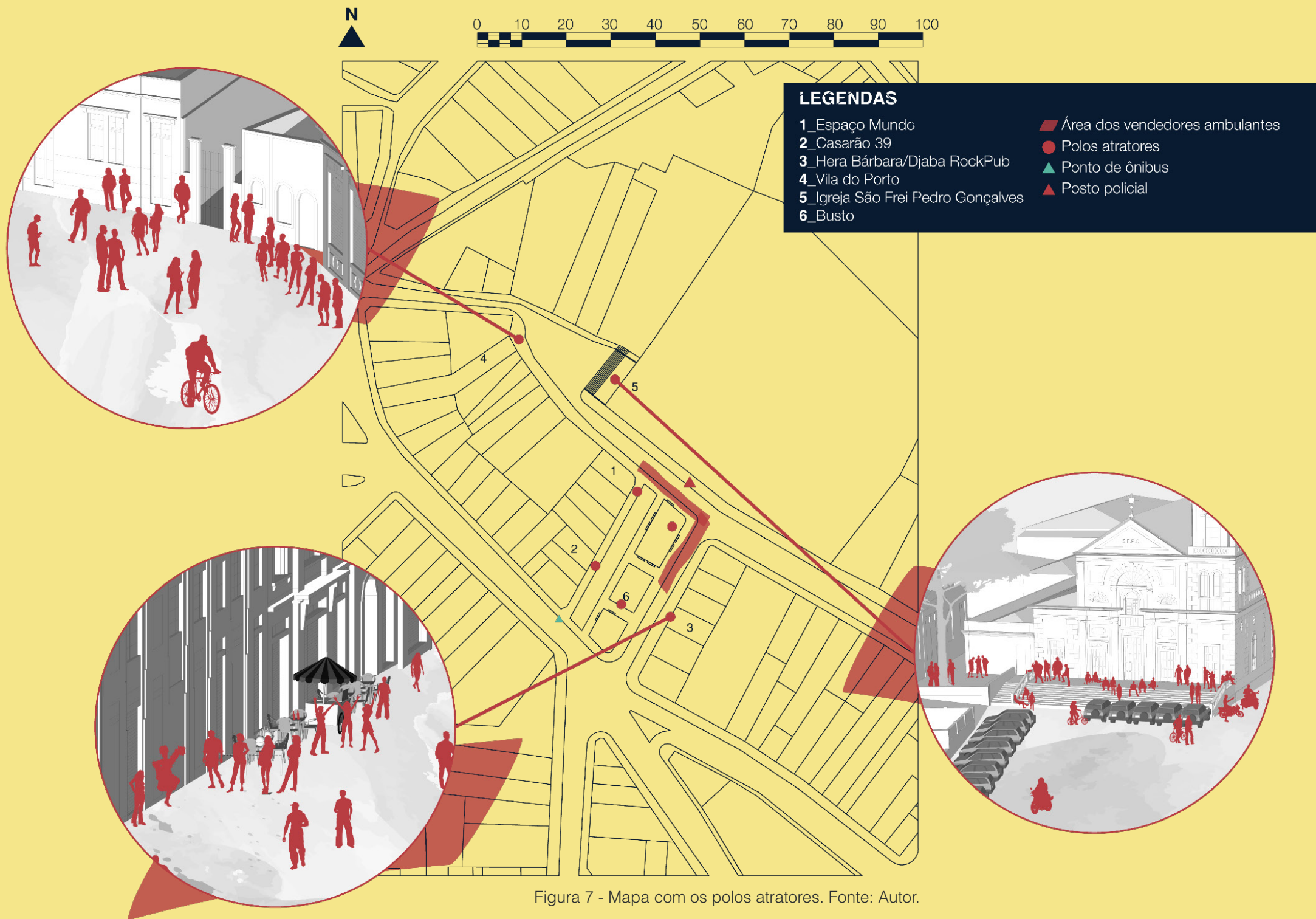


Figura 7 - Mapa com os polos atratores. Fonte: Autor.

estabelecimento pouco ou não habitada. Se o evento começa mais tarde, às 23h, por exemplo, nota-se inicialmente a concentração de algumas pessoas na frente do estabelecimento, aguardando a entrada. Quando o evento tem grande destaque na cidade, essa agregação torna-se volumosa, formando filas que seguem a calçada do Hotel Globo. Nesses casos, observa-se também que a concentração de indivíduos é maior na área interna, todavia, durante alguns momentos da noite, é possível perceber ainda um fluxo de pessoas em direção à praça. Geralmente, essas pessoas procuram consumir nos vendedores ambulantes ou encontrar conhecidos que não estão na festa. As festas do Vila são as mais diversas, podem tocar samba, pagode, rock, MPB, funk, eletrônico e pop music. Os indivíduos, portanto, relatam que a escolha para frequentar o estabelecimento se dá a partir do evento. Como diz a entrevistada 40:

Eu gosto mais da Vila do Porto, porque é um lugar que me deixa mais à vontade [...] Também porque tem atração de todo tipo, né? [...] Eu gosto quando é um funk ou um pop mais eletrônico, sabe? [...] Às vezes tem samba também e eu vou. (Entrevistada 40)

O polo atrator Espaço Mundo concentra os sujeitos de três formas: os indivíduos que permanecem dentro do estabelecimento, sentados à mesa ou ao balcão do bar, ou ainda jogando sinuca; os indivíduos que ocupam a área cercada no exterior do estabelecimento, onde dispõem-se mesas também; e os indivíduos que se reúnem na lateral norte do estabelecimento, normalmente ficam em pé conversando, bebendo ou fumando. Ao questionar os seus frequentadores, os principais motivos para a escolha do bar estão relacionados ao tipo de música, que na fala do entrevistado 28 está mais ligada a MPB e a um “estilo mais alternativo” e à configuração espacial, especificamente a área restrita com mesas, que permite um ambiente mais calmo, onde as pessoas sentadas conseguem dialogar melhor, percebido no relato da entrevistada 22, ao dizer que:

Eu acho que depois que eu envelheci, eu fico mais sentadinha, tomando minha cerveja. Por isso eu

escolho aqui. [...] Não ando mais [...] Antigamente eu ficava em pé, eu circulava mais [...] Eu interagia mais [...] Hoje eu prefiro um ambiente mais assim [...] tranquilo. (Entrevistada 22)

E ainda a uma relação mais afetiva com o estabelecimento, como a entrevistada 53 relata:

Então, temos aqui uma história. Como ele [o namorado] falou, ele tá aqui desde 2007. E aí, a gente se encontrou, se conheceu, eu e ele, aqui. E aí, desde então a gente nunca deixou de passar uma sexta-feira aqui. [...] [Estou] mais por influência dele [...] Mas depois que eu vim, que eu conheci direito. Eu disse: “É, realmente aqui é o único lugar de João Pessoa que eu vou poder ficar de boa, fumar meu baseado. [...] É meio que estar à vontade [...] É muito familiar pra mim [...] É o canto que eu me encontro, sabe? (Entrevistada 53)

O polo atrator Casarão 39, apesar de ter uma área externa restrita semelhante ao Espaço Mundo, possui o maior adensamento de indivíduos no interior da casa, onde acontecem suas festas. Percebeu-se que a área exclusiva que dispõe de mesas e um minibar foi por poucas vezes utilizada, e, quando sim, na maioria das vezes, servia como um espaço para fumantes. Os indivíduos que dizem frequentar o estabelecimento, optam em sua maioria pelo estilo musical tocado nas festas, o forró, o funk e o “batidão”. Alguns sujeitos associam sua escolha ao reconhecimento de si nos outros, como na fala da entrevistada 44:

Só frequento o Casarão, porque é o que eu me identifico. [...] [Me identifico] com as músicas e com a galera que frequenta lá [...] É mais do meu estilo [...] Um povo legal, que dança, paquera, que faz amizade rápido. (Entrevistada 44)

O polo atrator Djaba RockPub, diferente dos outros, é ativado somente aos sábados, quando o estabelecimento funciona. A casa tradicionalmente voltada ao rock permite que os indivíduos usufruam dos shows no seu interior ou nas poucas mesas dispostas logo na sua frente. Para mais, a influência desse polo vai além

das imediações do Djaba. Comumente, aqueles eu o frequentam permanecem também no espaço público, principalmente entre a área da praça em frente ao estabelecimento até mais próximo ao busto. Ali, próximos também dos ambulantes, onde costumam consumir, os sujeitos socializam, bebem e utilizam os carros estacionados em paralelo com a praça como apoio para suas bebidas. O mesmo acontece na região do busto. Ao conversar sobre os motivos que as levam a frequentar o Djaba, as pessoas eram enfáticas, como diz a entrevistada 50:

Pelo rock. Eu vou pra onde rola mais rock. Aqui é um dos lugares que mais tem evento de rock, um estilo mais alternativo. É mais minha vibe. (Entrevistada 50)

A importância do rock, do metal e do movimento punk naquele território é destacado pelas entrevistadas 22 e 54, que relembram a praça e o largo em outros anos:

A galera do punk era muito mais forte. O cenário cultural, acho que até 2013, tinha um cenário cultural de hardcore. As bandas como Dead Nomades, Noskill, Bárbara que era uma banda feminina, hoje se desfez. Tinham várias bandas. E as bandas covers também [...] Ramones, Sex Pistols. Tinha aquela interação subversiva. E aí, acabou. Foi diminuindo. Fechou os bares. E acabou. (Entrevista 22)

Aqui era mais um movimento [...] na época, era mais rock. Todo mundo que curti rock vinha pra cá, porque tinha várias bandas tocando em vários bares. Era mais exclusivo da galera do rock e depois foi abrindo os espaços, abrindo outros bares, outra galera começou a frequentar. [...] Na minha época [em 2011] o Hera Bárbara era o Pogo Pub que era só rock mesmo. De vez em quando eles abriam pra uma galera de dj pra tocar. E foi diversificando aqui. (Entrevistado 54)

No entanto, segundo ele, esse cenário, que no passado tinha forte expressão, vem perdendo o seu

espaço para outros estilos musicais. Sobre isso ele diz:

Tá foda aqui. Hoje em dia tá muito caído. Tá muito fudido. Algumas coisas salvam. Alguns pubs salva. Coloca um rock massa, coloca um tipo de música legal. Eu me sinto meio um pouco desconfortável porque não tem aquele movimento massa que tinha antigamente do pessoal do rock. (Entrevistado 16)

Esse relato coincidiu com o fato de que durante o mês de agosto o Djaba RockPub já não estava mais em funcionamento. Logo, os efeitos dessa situação foram perceptíveis. A ausência de um público que se autoidentificava como roqueiros, já percebida nas sextas-feiras, passou a ocorrer também aos sábados, rebatendo diretamente nas dinâmicas dessa área, como será mostrado mais adiante.

Em relação ao polo atrator Hera Bárbara, mesmo que sua concentração seja maior na área interna da boate, nota-se uma forte ligação entre os indivíduos que a frequentam e as dinâmicas que acontecem nas suas imediações. Inicialmente, próximo às 23h, horário que iniciam as festas, é comum perceber tanto sujeitos enfileirados aguardando a entrada como outros que ficam na área da praça, em frente à boate. Há ainda aqueles que chegam antecipadamente e permanecem aguardando no entorno do busto. Ao longo da noite, já durante os eventos, há um fluxo considerável de pessoas entrando e saindo da casa, para encontrar outras pessoas, socializar ou consumir dos vendedores ambulantes. Ainda, curioso foi perceber a partir da praça que, lá dentro do estabelecimento, é comum alguns sujeitos se posicionam próximos as janelas da fachada, estabelecendo uma interação direta com o externo, seja para somente observa-lo ou para interferir de algum modo nas dinâmicas que ali ocorrem. Ao questionar os sujeitos frequentadores da boate, as respostas giravam em torno do fato de ser um espaço LGBTQ+. Os indivíduos, que nas entrevistas se identificaram como pessoas LGBTQ+, relataram a forte relação com o local, visto que o Hera Bárbara é o único estabelecimento do território que se intitula enquanto um espaço voltado para o entretenimento LGBTQ+, ainda que de certo modo haja eventos direcionados a esse público no Vila

do Porto e no Espaço Mundo, como relato da entrevistada 18:

“Eu fico mais por aqui por baixo no Hera, porque aqui tem uma galera diferente, mais diferenciada. Porque lá em cima é um povo mais hétero e aqui é um público mais LGBT.” (Entrevistada 18)

Segundo os relatos, a população LGBT+ encontra no Hera a possibilidade de serem livres para exercer as condições de gênero e de sexualidade, e então desfrutar do seu lazer. Ainda, alguns indivíduos mencionam a questão de identificação no contexto LGBT+ do Hera, para eles, há um maior conforto e segurança ao exercer o lazer em ambientes onde podem reconhecer outros LGBT+.

No meio de pessoas que nem a gente, a gente acaba se sentindo melhor, né? [...] Acho que dá até mais segurança de quem a gente é, uma liberdade [...] Você sabe que ninguém vai te julgar, que ninguém vai te ofender por você ser você. Eu me sinto livre no Hera. (Entrevistada 18)

Além das músicas que tocam, das festas, das pessoas, é um local que foi feito pra gente, entendeu? [...] Tem essa identificação. [...] É da comunidade inteira. [...] Tem dia que é festa só de drag queen, outro dia é das trans, tem os grupos de Whatsapp. [...] Tudo pra gente e feito pela gente, né? (Entrevistado 39)

No entanto, esse público não é exclusivo do Hera. Em sua minoria, os sujeitos não LGBT+ que frequentam o Hera veem na boate um espaço agradável e onde há respeito.

Lá ninguém quer confusão. A galera quer curtir. [...] Não tem essa preocupação com o outro, sabe? Você escuta música boa, dança, se diverte. [...] Eu adoro esses cantos assim [...] São mais divertidos de ir. (Entrevistada 08)

No dia 10 de agosto de 2019, quando ainda acontecia a pesquisa em campo, o primeiro andar do casarão onde funcionava o Hera Bárbara foi vítima de um incêndio, que o deixou totalmente

destruído, levando à sua interdição. De acordo com moradores da região, o fogo deu início às 17h30, felizmente não havendo ninguém nesse momento que pudesse se acidentar. Os bombeiros que sanaram as chamas apontaram problemas elétricos como possivelmente a causa do incidente. Vale ressaltar que a boate, à época, passava por pequenas reformas na sua área lounge. Outra questão apontada nos noticiários pela proprietária do estabelecimento, Misandri Lynn, foi a falta de manutenção no segundo pavimento do casarão, que não era alugado por ela. Até o dado momento, as causas reais do incêndio ainda estão sob perícia pelo Corpo de Bombeiros e a Defesa Civil de João Pessoa.

Incêndio atinge casarão no Centro Histórico de João Pessoa

O Corpo de Bombeiros foi acionado por moradores e as chamas foram contidas ainda no prédio. Ninguém ficou ferido.

Por G1 PB

Incêndio atinge prédios do Centro Histórico de João Pessoa

Dona de casa noturna destruída por incêndio faz arrecadação virtual para recuperar prejuízo

12/08/2019 | 18h41min

Incêndio destrói bar no Centro Histórico de João Pessoa

10 ago 2019

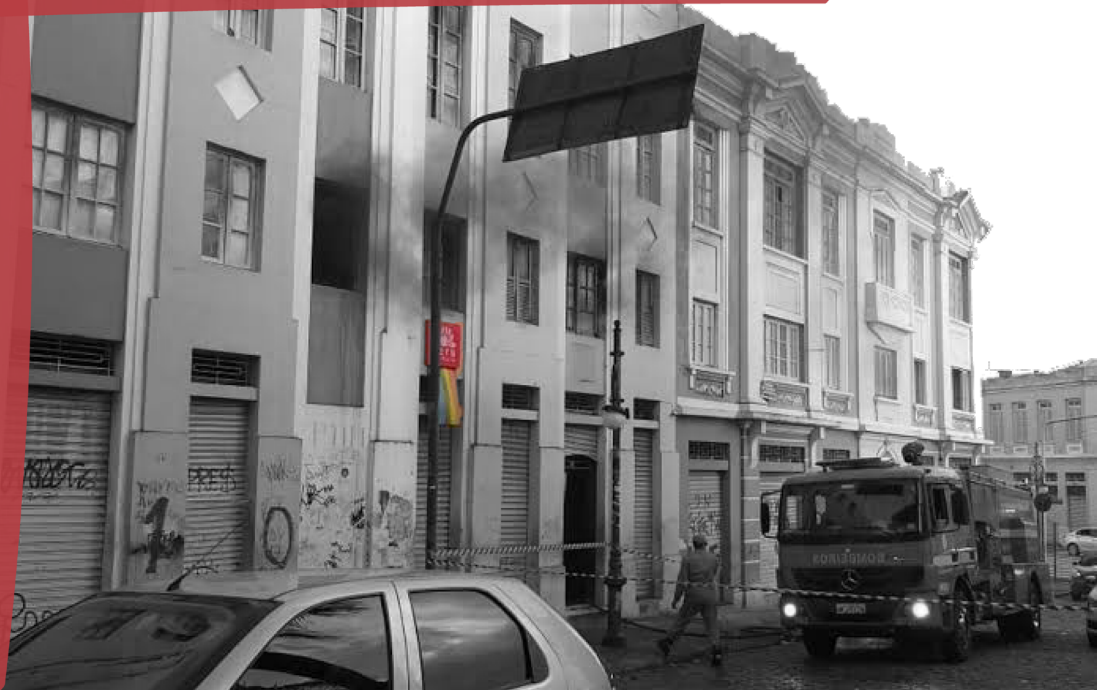
WALDECY

Casarão no Centro Histórico de JP pega fogo

PERIGO: Incêndio atinge casarão no Centro Histórico de João Pessoa – VEJA VÍDEO

Publicado por: **Fabricia**

Oliveira em 10/08/2019 às 06:10



Nas redes sociais, através da *hashtag* “#SomosTodosHeraBarbara”, várias pessoas escreveram mensagens lamentando o ocorrido, destacando principalmente a notoriedade da boate para o cenário LGBTQ+ da cidade João Pessoa. Outros perfis divulgaram seu apoio à campanha lançada numa plataforma online de arrecadação para a reconstrução do Hera, compartilhada também no perfil oficial da boate. À campo, ao conversar com os indivíduos, a importância do Hera passou a estar mais explícita nos relatos, a exemplo da fala da entrevistada 22.

O Hera Bárbara foi um nicho de fortalecimento muito forte pro público LGBTQ. Quando eu falo público LGBTQ é o movimento trans e as intervenções que pautam essa questão sem tabu, sem censura. E a diversidade que eu vejo no Hera Bárbara é maravilhosa, é magnífica. Eu acho que dentre todos os espaços, atualmente o Hera Bárbara, que infelizmente hoje pegou fogo. Teve um incêndio [...] Então, a gente lamenta muito. Estamos em luto, mas ela vai se reerguer. Então, é um espaço muito mais agregador nesse tocante aos LGBTQ. (Entrevistada 22)

Assim como no Djaba RockPub, esse acontecimento causou o desmonte do polo atrator Hera Barbara, afetando de modo direto as dinâmicas do território. Observou-se que paulatinamente um público LGBTQ+ passou a ocupar o território em menor quantidade. Todavia, estes ainda estavam presentes próximos ao busto ou aos polos atratores Espaço Mundo e Vila do Porto. Vale ressaltar que essa observação foi possível por meio da autoidentificação dos indivíduos durante as entrevistas.

Os efeitos da desativação dos polos atratores Hera e Djaba também afetaram na pesquisa, de modo que foi possível ampliar a visão sobre a rede-território. Percebeu-se, durante o processo das entrevistas, a existência de três outros polos atratores, que ocupavam posições relativamente distantes do espaço físico da praça e do largo, e por isso não foram identificadas desde o começo. Tais acontecimentos também contribuíram para essa

percepção, visto que após eles, os polos desempenharam certas influências sobre as dinâmicas da praça.

Primeiro, notou-se o polo atrator em torno do estabelecimento Mi Casa Su Casa, na rua Maciel Pinheiro, que funciona desde maio de 2019 e, assim, como o Vila do Porto abrange uma variedade de eventos. Em um deles, foi possível perceber a adesão do público recorrente ao Djaba, já que naquela noite o evento era de música gótica e punk rock. A percepção se deu durante os relatos dos entrevistados, que falaram não conhecer o estabelecimento propriamente, mas que agora frequentariam, pois era uma das poucas opções para quem gosta do estilo musical. Outra percepção foi o polo em torno do Mofado Bar, localizado no térreo do Residencial Villa Sanhauá. Esse já tinha aparecido nos relatos de alguns indivíduos que comentavam a importância do estabelecimento para o cenário do rock naquela região, mas que não frequentavam mais devido às constantes mudanças de local, que o deixou com uma estrutura menor. Inicialmente funcionava além do bar um estúdio onde tocavam diversas bandas da cena roqueira da cidade, durante o período que esteve na Avenida Duque de Caxias e num casarão da Anthenor Navarro. Agora, em menor tamanho, funciona apenas como um bar na Rua João Suassuna. De toda forma, o polo ainda atrai um público voltado aos estilos do rock, principalmente após o fechamento do Djaba. Percebeu-se ainda a existência do polo atrator ligado a casa noturna In Box, localizada na Rua da Areia. Por sua vez, essa surgiu nas entrevistas com os indivíduos LGBTQ+, que sem a opção da Hera Bárbara, alguns escolheram frequentar o estabelecimento, visto que esse parecer ter os eventos na maioria das vezes voltados ao público LGBTQ+.

Por fim, o loló também é analisado enquanto um forte polo atrator do território, considerando suas ligações criadas ao permear por todos os outros polos. Dessa forma, sua caracterização se tornou mais difícil, pois o polo apresenta-se fragmentado pelo espaço, já que incorpora diferentes espacialidades a depender dos fatores o influenciam. A figura da Polícia Móvel, localizada frente a fachada lateral da igreja, à norte da praça, é um desses fatores, que induzem diretamente na instabilidade das ações. Observa-se

que regularmente os sujeitos adotam uma posição de atenção e vigilância. Há, por muitos, o cuidado ao receber, comercializar e consumir o entorpecente em locais protegidos do campo de visão da polícia. Esse comportamento ativa e desativa diversos lugares no território ao mesmo tempo e os qualifica quanto à tessitura mutável, fluida e móvel. Esses lugares rapidamente poderiam ser ativados e desativados ou ativados e transferidos para outro espaço mais íntimo, normalmente, quando os sujeitos fogem da cautela e se percebem num espaço de alta exposição. Apesar dessa prudência, a entrevistada 29 comenta que para ela a polícia é ciente do que acontece aqui, e segue seu relato expondo uma problemática do território, que será analisada posteriormente: a ação seletiva da polícia. Vale ressaltar que a análise da pesquisa não é feita de forma a atribuir juízo de valor sobre as ações dos indivíduos, o interesse aqui está na ação em si, na produção de subjetividades e nas relações que se estabelecem no território.

ESPAÇOS E USOS

A partir da análise dos polos atratores, notou-se que há uma distinção entre os espaços e os usos do território em relação aos seus atributos. Percebeu-se que enquanto determinados espaços agrupam diferentes sujeitos e suas práticas simultaneamente, há aqueles que tornam sua ocupação mais exclusiva, de forma mais explícita, impossibilitando que outros sujeitos nele permaneçam, ou de forma implícita, criando uma ambiência não convidativa. O mesmo foi observado em relação aos usos dos sujeitos. Há alguns usos que possibilitam a coexistência de diferentes práticas no mesmo espaço, enquanto outros não, podendo impedir diretamente a manifestação dos que os divergem ou possuindo características intimistas que não atraíam os outros. Por meio dessas qualidades, criou-se a quarta leitura do território: as tipologias de espaços e usos, que pode ser vista na figura 8.

O busto, analisado a partir de sua hibridez, comporta-se justamente como um espaço agregador. Ao o as dinâmicas que ali ocorrem, percebe-se que há o encontro de diferentes grupos no mesmo espaço. Notou-se que às sextas-feiras, quando o Djaba RockPub não funcionava, os indivíduos LGBTQ+ ocupavam o espaço do busto majoritariamente, enquanto os outros indivíduos ficavam nas suas imediações. Aos sábados, quando o Djaba RockPub e o Hera Bárbara estavam em funcionamento, havia uma sobreposição dos grupos. A ocupação do busto era revezada principalmente entre os LGBTQ+, frequentadores do Hera, e os roqueiros, frequentadores do Djaba. Além desse, outro espaço que costuma agregar sujeitos e práticas diferentes é a lateral do Espaço Mundo. A área, por ser um intermédio entre a praça e o largo, possui um fluxo intenso de indivíduos durante toda a noite. Dessa forma, casualmente, alguns desses indivíduos acabam por decidir no meio do percurso permanecer nessa região.

O comércio dos vendedores ambulantes, que se posicionam em torno da praça, também contribui para que haja uma forte concentração de diferenças, visto que, a maioria dos indivíduos consomem neles, mesmo que estejam frequentando algum estabelecimento. Assim, ao longo da noite, as imediações das barracas são caracterizadas pelos sujeitos que sociabilizam entre si, fazendo ou não o uso das mesas e dos mobiliários da praça, e pelos sujeitos que realizam um deslocamento somente para realizar a compra de alimentos ou bebidas.

Em relação aos espaços e usos excludentes, obviamente, esses são representados principalmente pelos estabelecimentos da região, que mesmo tendo a entrada gratuita em algumas noites, como o Espaço Mundo, possuem o acesso controlado por seguranças. Percebeu-se ainda que as extensões desses estabelecimentos no espaço público também podem ser observadas como espaços privados. Não somente as áreas restritas do Espaço Mundo e do Casarão 39 – que são delimitadas, mas também as iminências dos outros estabelecimentos. Nota-se que, por exemplo, as poucas mesas colocadas em frente ao Djaba RockPub tornam-se exclusivas para os indivíduos que estão frequentando a casa. As áreas em frente ao Hera

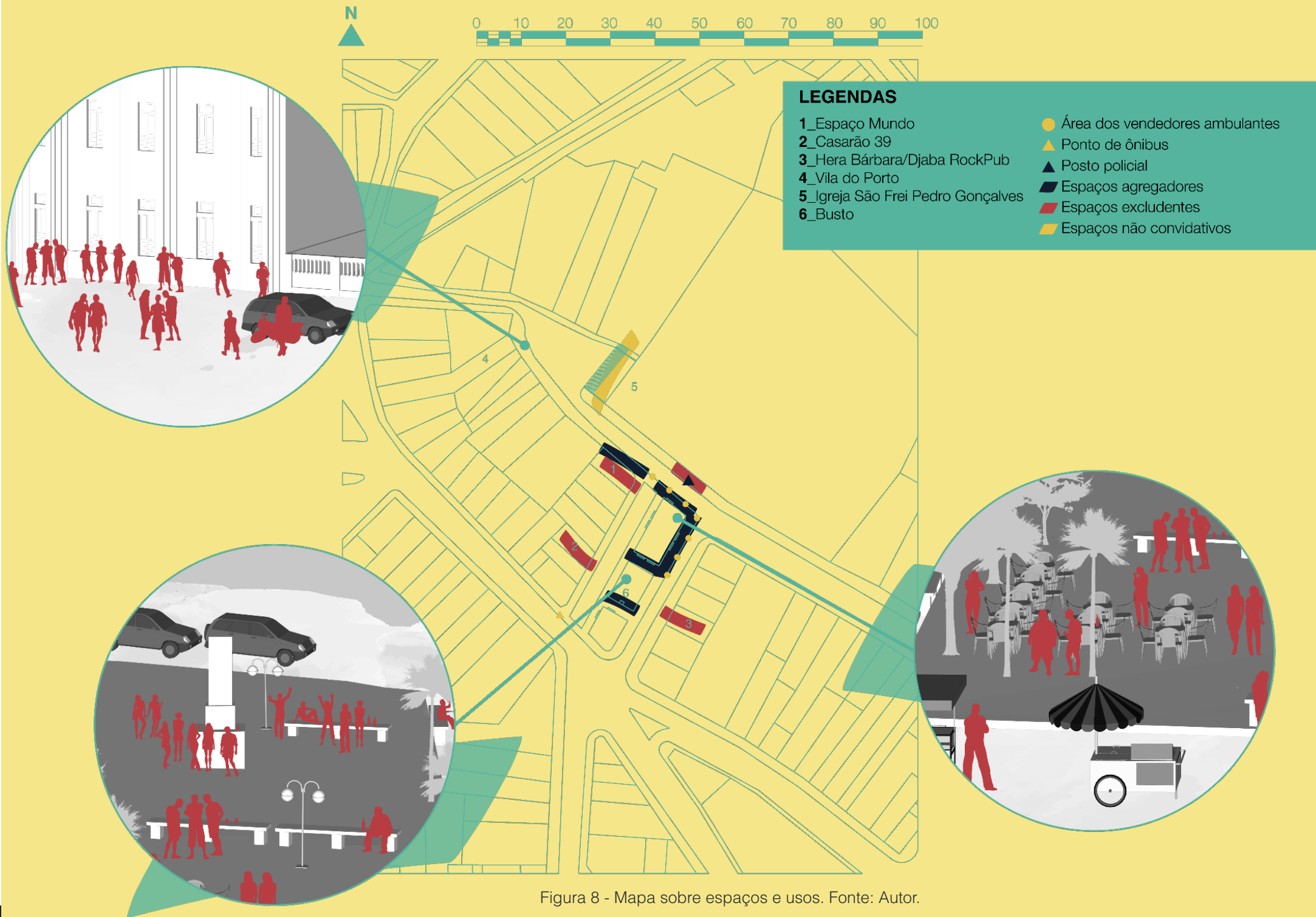


Figura 8 - Mapa sobre espaços e usos. Fonte: Autor.

Bárbara e ao Vila do Porto seguem a mesma lógica, visto que nelas, normalmente, os indivíduos que ali se concentram ou formam filas possuem a intenção ou irão frequentar as boates.

No largo, a escadaria da igreja assume os espaços e os usos não convidativos. A região, que está mais reservada em relação ao todo, torna-se propícia para as sociabilidades mais íntimas. Geralmente, os indivíduos que ocupam a área se dispõem em poucos agrupamentos. Como comentado, é costumeiro eles levarem a própria bebida, cigarro e até som portátil. Esse fato dá a impressão de que os grupos estão mais fechados, mais voltados para si, sem necessariamente se relacionar com o “externo”, corroborando ainda mais com a ambiência intimista. Por esses motivos, percebe-se que outros indivíduos acabam por evitar o lugar. Além disso, o comércio e o consumo de substâncias ilícitas estabelecem no território lugares temporariamente íntimos. Há por alguns sujeitos uma precaução em manter certo distanciamento de sujeitos e ambientes relacionados a essas atividades.

LIMITES

As análises anteriores levaram a questionar as normas que regem as sociabilidades, que as transpassam e influenciam na organização dos sujeitos. Esses regimentos rebatem quase sempre em restrições aos sujeitos e às suas ações. Contudo, observou-se que tais empecilhos do território não se tratam apenas de barreiras físicas, mas também de linhas, delimitações, fronteiras e bordas, as quais os sujeitos lidam constantemente, e que no campo das interações podem tornar-se flexíveis, discutíveis e negociáveis. Ao lançar o olhar sobre essa questão, estaremos pontuando a terceira leitura do território: os seus limites, sintetizados na figura 9.

As limitações mais amplas do território são definidas pela sua própria arquitetura. Além de emoldurar a paisagem, as edificações da região assumem a posição de elementos físicos que delimitam em si as áreas de uso, concentrando os indivíduos em torno da praça e do largo, apesar de percebido alguns polos atratores numa região mais abrangente. Direcionando o olhar ao

território, é possível caracterizar outras barreiras físicas que agem nas suas dinâmicas, à exemplo das áreas restritas do Casarão 39 e do Espaço Mundo, mencionadas anteriormente, que, apesar de estarem no espaço público, impõem limites aos sujeitos. As duas são cerceadas por elementos físicos – grandes e correntes – e, mesmo que o Espaço Mundo aparente ter um controle mais maleável, não há permissão para todos os sujeitos as acessarem, já que é necessário consumir nos estabelecimentos para tal. Com relação a isso, a entrevistada 22, frequentadora do Espaço Mundo, comenta ser ciente das diferenças sociais que marcam o espaço, ao afirmar que:

É uma diversidade e uma segregação também, né? Porque eu acho que eu [...] mesmo sendo negra [...] tenho algum privilégio de poder pagar uma cerveja, ficar sentada aqui. Eu vejo aqui agora, por exemplo, conversando com você, algumas pessoas que não podem ter esse privilégio, [...] que pega sua cachaça, senta na praça e fica também comungando. [...] Não entra nos bares, fica mais circulando os lugares [...] no caso a escadinha da praça [o largo] de São [Frei] Pedro e interage lá, ou vem aqui pra praça. (Entrevistada 22)

Enquanto o Espaço Mundo estabelece uma pessoa para regular o acesso à área, o Casarão 39 possui de dois a quatro seguranças que o fazem com mais rigidez. Inclusive, em uma das noites, o pesquisador presenciou um ato violento por parte dos desses que retiravam à força uma pessoa presente na área sem ter pago o ingresso.

Considerando os limites invisíveis, tem-se que a Polícia Móvel exerce um papel limitante nas práticas dos sujeitos. Como destacado outrora, a figura policial influi diretamente no acontecer de determinadas ações, pois o comportamento de constante vigilância sobre si limita os sujeitos em seu repertório de pensar, desejar e agir. Bem como, restringem-nas a determinados espaços, onde os sujeitos se sintam à vontade. O que se percebeu foi que, apesar de não ter nada físico que os separe, há um distanciamento entre o território policial e o território das sociabilidades.



Figura 9 - Mapa sobre os limites. Fonte: Autor.

que, embora esteja ali para garantir a segurança de todos, não sentem que a polícia os protege, visto que, segundo eles, há uma seletividade na ação policial. Em relação a isso, a entrevistada 13 denuncia um episódio no qual ela e seu grupo de amigos, que estavam na região sul da praça, sofreram uma ostensiva “batida” policial. De acordo com ela, as motivações são os estereótipos criados sobre as pessoas, visto que seu irmão e outros rapazes, mesmo não portando nada ilícito, foram levados à delegacia. Já para o entrevistado 04, com a presença da polícia há a possibilidade de um lugar mais tranquilo, longe de conflitos ou violências. Enquanto em seu relato, a entrevistada 29 confirma se sentir segura com a polícia, mas entende que para outras pessoas isso não acontece. Segundo ela, a polícia vê tudo o que ocorre ali, mas escolhe quem irá abordar.

Tipo, eu, né? Eu posso tá aqui bem vestida e pela minha cor [da pele] eles nunca vão dizer: “Não, aquela menina tem algum tipo de substância ilegal.” Mas vem alguém malvestido, andando de tal jeito, falando de tal jeito [...] Já tá muito caracterizado pra eles [...] Pela cor [da pele] também [...] Eu vejo um bocado de meninos que às vezes tá andando de boa e é enquadrado ou é expulso aqui da frente, tem que ir não sei pra onde ou ficar mais afastado [...] Isso é muito ruim, pô. É seletivo, sabe? [...] Tá todo mundo usando alguma coisa, tá todo mundo usando maconha, tá todo mundo cheirando, tá todo mundo usando loló. Eles sabem disso. Tá muito na cara. Eles sabem disso. Mas eles só vão em cima da turma dos môfi. [...] Tá, eles compraram o tiro¹³ deles. Só deixa a galera. É sexta. É pra curtir mesmo. Eles não tão fazendo mal a ninguém. Não tem porque chegar em cima. [...] tá todo mundo curtindo igualmente, mas tá todo mundo separado ainda. Muito separado. (Entrevistada 29)

Percebeu-se também que havia certas limitações nas relações entre os indivíduos. Como foi possível ver ao analisar

as ações e as práticas do território, em sua maioria, os sujeitos sociabilizam em torno de círculos de amigos e conhecidos, que se formam a partir de interesses compartilhados, representados por elementos simbólicos, físicos e espaciais. Assim, conformam diversos agrupamentos, que, ao demarcarem seus espaços, criam fronteiras entre si, ou seja, outros limites. Trata-se de microterritorializações dentro do próprio território, dando a ideia de uma multiterritorialidade. Essas fronteiras podem levar tanto a aproximação quanto o afastamento de sujeitos, podem causar desvios nos seus trajetos, podem criar pontos de interseção e podem gerar apropriações transitórias. Essas caracterizações foram construídas, principalmente, através dos relatos dos indivíduos, que nas suas falas atribuem percepções, sentimentos e sensações em relação ao outro.

Ao questionar sobre a diversidade social, a maioria expressiva dos indivíduos a identificou no território, porém com divergências no modo de percebê-la. Uma parte dos entrevistados associam o fator diverso do lugar como algo positivo. O entrevistado 20, por exemplo, comenta que a variedade de pessoas é o que caracteriza a Praça Anthenor Navarro e o Largo São Frei Pedro Gonçalves, que para ele é “o coração do CH¹⁴”, acrescenta ainda que “sem essa variedade, o CH não seria o CH”. Outros, como o entrevistado 19, relatam que a diversidade é um dos motivos que os fazem frequentar a praça e o largo, pois veem “um espaço aberto para todo tipo de público”, os deixando mais à vontade. O entrevistado 07 corrobora ao dizer que a diversidade de pessoas deixa o local mais atrativo, pois indica a liberdade que ali se pode ter.

Nesse mesmo sentido, o entrevistado 32 divaga:

Eu creio que seja um lugar alternativo, que rola várias galeras, de várias tribos. Rola uma galera do rock [...] Falando de termos mais [...] Como é que eu diria? Mais taxativo [...] De você olhar e identificar. Senso comum, talvez. Mas rola uma galera do

13 A expressão “tiro” é comumente relacionada à cocaína.

14 Gíria utilizada para se referir ao Centro Histórico de João Pessoa.

rock, rola uma galera mais alternativa. Então, você percebe que é uma confluência de várias tribos num mesmo espaço. Como há essa diversidade, no sentindo que há várias galeras, eu acho que é mais tranquilo de você exercer sua identidade de modo geral. Não só de um recorte sexual, digamos assim [...] De identidade de gênero ou de escolha sexual [...] Mas de um ponto de vista identitário mesmo [...] Você pode exercer ela de um modo mais tranquilo, porque é um lugar habitado por várias tribos. Então, não tem uma coerção, digamos assim [...] (Entrevistado 32)

Aqui no Centro você tem que andar com sua turma. Se não você tá [...] Você não tá, basicamente, entendeu? [...] Porque passou dessa linha [do Espaço Mundo] tem a galera do brega rolando ali, tá ligado? E assim [...] do mesmo jeito que tem a galera do brega, tem a galera do reggae e tem as drags andando aí de um lado pro outro. E tem a liberdade de ser quem você é. Aqui você se liberta. Aqui tem espaço pra tudo.” (Entrevistada 53)

No entanto, para a entrevistada 31 essa diversidade é relativa. Ao seu ver, o lugar concentra “uma galera que é alternativa, que costuma frequentar uns rolês alternativos, além desse eixo litorâneo da cidade”. Sobre a relação com esse grupo ela diz:

Eu gosto de frequentar o Centro Histórico, porque eu me sinto entre os meus pares. Entre pessoas que fazem o mesmo uso que eu ou que tem gostos musicais parecidos. Eu não me sinto de fora quando eu venho pra Antenor Navarro. Eu acho que é meio que uma tribo, em que eu faço parte em certos aspectos, em relação ao gosto musical, ao uso de substância e ao uso de álcool, essas coisas...” (Entrevistada 31)

Durante muitos relatos era comum os indivíduos

estabeleceram uma conexão entre os sujeitos e os estilos musicais, na tentativa de caracterizá-los. As falas seguintes demonstram isso:

Tem uma diversidade cultural bem foda. É um dos poucos espaços aqui em Jampa¹⁵ que eu vejo pessoas trans [...] Talvez porque tenha o Hera [...] Tem, digamos assim, vários estilos musicais acontecendo que faz com que seja diversificado. Por exemplo, tem uma barraca ali que toca uns reggae [...] Ali (no Espaço Mundo) eu sei que toca uns MPB massa. Mais lá pra trás eu não conheço. (Entrevistado 47)

Há também outros indivíduos que percebem essa diversidade para além do estilo musical:

É um ambiente cosmopolita que existe no espaço, né? [...] Um ambiente que traz a interação, é [...] Primeiro dos moradores aqui de baixo [...] Que é o pessoal do Varadouro [...] A interação com os mano do rap, a galera preta [...] Muita gente da UFPB vem pra cá [...] Professores, artistas, artistas plásticos, intelectuais, literários, poetas, cantores.” (Entrevistada 22)

Tem uma galera específica que vem por causa do gosto musical e tem os nativos, que moram aqui no [...] Porto do Capim [...] que frequentam, mas eu acredito que seja mais com outros objetivos do que culturais. Não que eu os culpem por não ter esse gosto cultural, mas a falta de oportunidade que eles têm de uma educação de qualidade, de uma dignidade, de emprego propiciam para que eles procurem vir pra cá com o interesse até de negociar drogas, eu acredito. (Entrevistado 43)

Percebo uma parcela jovem, uma parcela mais velha que é mais frequentadora daqui e uma

15 Gíria utilizada para se referir à cidade de João Pessoa.

parcela periférica que se distingue no gosto, no modo de vestir [...] Mas é uma galera que tá afirmando sua territorialidade aqui também e tem todo o direito, né? Só que às vezes leva pra coisas mais [...] Mas eu me sinto tranquilo, porque nunca tentaram invadir meu espaço nem nada [...] Eu não fico assim, tipo [...] Esse aqui deveria ser espaço só de tal nicho [...] A galera tem o direito [...] Desde que não conflitem e tipo [...] não venha a se conflitar mesmo, a se machucar, se agredir, a gerar morte, essas coisas assim [...] pro lado da violência. Eu acho que todo mundo coabitando o espaço e sabendo se respeitar, tá tranquilo. (Entrevistado 28)

A fala do entrevistado 28 ressalta três pontos interessantes a serem abordados: o respeito ao espaço do outro, a discriminação sofrida por parte de alguns indivíduos e a questão da segurança no território.

Desse modo, a primeira questão destaca a harmonia nas relações a partir da noção do espaço alheio. Para alguns sujeitos, há um comportamento acordado – ou ainda espontâneo – entre os indivíduos em ter a consciência acerca dos limites que regem a rede-território. Esse discurso esteve presente em muitos relatos.

[...] são várias galeras com várias ideias diferentes que convivem no mesmo local [...] confraternizam [...] brincam [...] independente de qualquer coisa [...] independente do que você é, do que você gosta, do que você deixa de fazer. (Entrevistada 09)

Na maioria das vezes me sinto bem (em relação à diversidade de pessoas). A minha relação com as outras pessoas é boa [...] tranquila. Tem respeito da minha parte e dos outros comigo. (Entrevistada 38)

É um lugar que assim [...] Você sabe que às vezes existe pessoas que pega droga, mas assim [...] As pessoas além de usarem o que elas gostam de usar [...] Eu não tenho preconceito [...] Elas respeitam os limites, entendeu? (Entrevistada 08)

Contrário a isso, outros relatos tocam numa problemática que acompanha a história do território. Há um estranhamento social no território que condiciona as relações dos sujeitos, alimentando as segregações ou até mesmo as discriminações. Por exemplo, a entrevistada 13 sente desconforto em relação a indivíduos de uma classe mais alta, que para ela “querem ser melhor do que os outros”. O mesmo para a entrevistada 34 que relatou se sentir frustrada ao frequentar espaços como o Espaço Mundo e o Casarão 39, onde tem “um povo que se acha”, dessa forma, ela só se sente bem mais próxima ao busto ou ao Hera, lugar onde encontra “as outras bichas” e pode “se enturmar melhor”. Essa questão é analisada melhor no comentário das entrevistadas 29 e 54:

“Não sei se você percebeu [...] mas vem uma galera môfi, uma galera que escuta funk ou reggae, a galera que senta aí nos espetinhos e é discriminada [...] Eu acho isso muito ruim, porque aqui é um espaço muito grande [...] Se você não curte, você fica aqui. Aqui eu estou escutando o meu som. Se alguém do outro lado da rua está escutando o som dele, o que é que isso interfere em mim? [...] Aí, as pessoas tacham o Centro Histórico como algo perigoso, ruim, que caiu na decadência. Eu não vejo assim [...] Isso aqui não é pra ser um espaço só de universitáriozinho, de uma galerinha mais alternativa, mais assim ou assado. Não, é um espaço pra todo mundo.” (Entrevistada 29)

Além disso, outro assunto comum nas entrevistas foi a questão da segurança no território. Os relatos mostram que as percepções variam de pessoa para pessoa. Houve indivíduos que na fala associaram a sensação de segurança à diversidade de pessoas presente no lugar.

Eu vejo que tem várias tribos em um local só [...] Sem preconceito, sem nada [...] Então, fica mais fácil [...] Fica melhor até de andar normal, entendeu? [...] por aí, sem ter medo [...] Ninguém vai ter preconceito com ninguém [...] É por causa da diversidade, lógico né? [...] É muito mais

seguro. Também porque tem polícia, tem bastante policial [...] Das últimas vezes que eu vim não tinha. Atualmente, tô retornando pra cá e tá tendo mais policiamento por aqui. (Entrevistado 14)

Enquanto outros sujeitos apontam que a segurança no território é relativa.

Dá pra perceber que, por exemplo, tem lugares que [...] realmente fica desconfortável [...] em relação a violência [...] São propícios a isso [...] Porque eu vejo, por exemplo [...] tem polícia e tal, mas eles não conseguem ser onipresentes, entende? E pra acontecer alguma fatalidade em algum beco assim desses aí, [...] é questão de pouco tempo. E realmente me preocupa bastante. (Entrevistado 04)

Os pesares [do espaço] são a miscelânea, o contexto histórico de coisas que já aconteceu [...] de morte, de assalto, de casos assim [...] mais levados pro extremo. Mas ainda é um espaço que resiste, que ainda tem esse lado do alternativo, mesmo tendo o seu contrapeso assim [...] que já foi mais exagerado, mas agora tá mais policiado. (Entrevistado 28)

Eu acho perigoso [na praça]. Tipo, até porque você olha e você vê uma imagem bem pesada, né? [...] Das pessoas vendendo droga e tudo mais. Então, dá um pouco de medo. (Entrevistada 11)

As respostas também apresentaram uma variedade quando foi questionado aos indivíduos LGBTQ+ se aquele espaço era seguro para eles desempenharem suas condições de gênero e de sexualidade. Houve pessoas que foram enfáticas ao falar sobre a segurança que sentem, enquanto outras sobre a impossibilidade de segurança no espaço público.

Eu me identifico. É um lugar seguro. É um lugar de se curtir, de viver. Não tem confusão, não tem violência, não tem preconceito. Eu posso dizer [...] Aqui é o melhor lugar pra [pessoa] LGBT. (Entrevistada 10)

Acho que nenhum espaço é seguro, mas aqui [...] Como tem toda uma historicidade já de movimento cultural, tentando resistir e incluir [...] Acho que houve, a passos muito curtos e graduais, o público LGBT, nós, tá conseguindo ocupar. Ainda é pouco, mas existe [...] Está existindo aos poucos uma ocupação muito mais [...] poderia ser mais forte, mas eu acredito que pela questão da violência [...] com relação a encontros de machismo [...] o espaço público nunca vai ser um lugar seguro, em nenhum lugar. Vivemos um momento muito triste no Brasil. (Entrevistada 22)

O entrevistado 15, por sua vez, relaciona a presença LGBTQ+ como fator principal para se sentir seguro.

“É um local onde a gente pode conversar, ver gente diferente, enfim [...] Se comunicar com pessoas LGBTs, sem correr risco de ser agredido ou constrangido, alguma coisa do tipo [...] [A sensação de segurança vem] da quantidade do público LGBT aqui [...] Quanto mais pessoas LGBTs num local, acho que mais seguro as pessoas se sentem em viverem suas verdades, em relação a sua sexualidade.” (Entrevistado 15)

Todavia, ele ressalta que:

Infelizmente, a homofobia tá em todo canto. Inclusive dentro do meio LGBT [...] A questão é [...] como a gente vê um número maior de LGBTs vivendo suas vidas “sem incomodarem a vida dos outros”, a gente se sente seguro em vir aqui, conversar com amigos, talvez ficar com alguém ou vir com namorado. Isso não quer dizer que não vá aparecer alguém que possa nos constranger. A sensação de segurança é [...] quando a gente se sente em meio a iguais, a gente se sente mais protegido, mesmo que a ameaça apareça. Seria diferente eu ir, por exemplo, a um local onde eu sei que a maioria do público é hétero e eu aparecer com um amigo, ou um namorado, ou ficar com um homem na frente deles. A reação é completamente diferente. (Entrevistado 15)

Essa noção de segurança entre os “iguais” surge de forma aprofundada na fala do entrevistado 33, citando que os espaços seguros para a população LGBTQ+ estão atrelados a guetos.

Às vezes os lugares de existência de certas identidades ficam guetizados, entende? O gueto é aquela festa específica que eu tenho que ir, porque lá eu vou me sentir seguro. Então, às vezes não é nem o Centro que é seguro [...] Ok, é o Centro? Mas quando? Perto de onde? Entendeu? Depende [...] Às vezes, se eu for dar uma reboladinha, rebolar a raba aqui no Vila do Porto [...] é seguro, se for na porta [...] Vestida de drag [...] É tranquilo [...] Mas se for outro dia não é, e aí? [...] Num dia que for um samba ou sei lá [...] Num dia que não tiver nada. (Entrevistado 33)

Essa percepção de liberdade somente em determinado lugar ou horário são exemplificadas nos relatos seguintes.

Me sinto seguro aqui [no Espaço Mundo]. Fora daqui eu já fico mais exposto a várias energias, a várias pessoas, vários mundos, né? Porque aí é meio misturado, essas pessoas que frequentam a praça. Tem uma galera hétero que é simpaticante e tem uma galera hétero que é fechada, que não suporta. Que chega a ser violenta se você retrucar. Se a pessoa falar e você obedecer, tá de boas. Mas se você retrucar, você pode tá se expondo a violência. Elas podem bater em você. (Entrevistado 30)

O entrevistado ainda continua sua fala, denunciando um episódio onde foi vítima de LGBTQfobia na Praça Anthenor Navarro.

Aqui nessa praça tem muita gente ainda que não tá muito aberta à diversidade, aos gays, lésbicas, as trans. Tem muita gente aqui que fala mal [...] Inclusive, eu já fui ameaçado aqui, porque eu tava beijando um garoto [...] Não foi aqui, foi ali do outro lado do espetinho. Tava beijando um garoto lá, esperando o espetinho ficar pronto e três caras

mandaram a gente se retirar, porque a gente tava se beijando. Foi bem tenso [...] E tava cedo, acho que era oito da noite. (Entrevistado 30)

Além desse, outro caso de LGBTQfobia também foi relatado pelo entrevistado 19.

Já teve casos de agressão [...] de amigos meus, aqui nessa praça [...] que tavam bebendo e apanharam, porque veio um grupo de amigos e começaram a bater neles. Já aconteceu muitas coisas aqui [...] Principalmente no horário de saída de festa, quando o pessoal se junta pra ir pra casa de ônibus [...] Ai, fica aqui na parada e vem uma galerinha de grupo e começa. (Entrevistado 19)

A entrevistada 34 comenta que o espaço deixou de ser seguro para os LGBTQ+ devido à chegada de indivíduos que costumam insultar principalmente as mulheres transexuais e travestis.

Era (seguro), porque esses vagabundos [...] Querendo ou não, são uns vagabundos, né? [...] Começou a vir e embaçar [...] Mas graças a Deus não mataram nenhuma [...] Eles gostam muito de mexer, né? Aí, se a bicha for falar [...] [Eles xingam] Vai viado feio, esses negócios. Querendo ou não afeta a pessoa. (Entrevistada 34)

Por fim, ao indagar os indivíduos cishéteros sobre a percepção e a relação com as pessoas LGBTQ+ no território, a maioria dos entrevistados afirmou perceber a presença desses, porém destacou ser algo indiferente para eles. Outros indivíduos alegaram que a presença LGBTQ+ comprova ainda mais que o lugar abriga de maneira harmoniosa uma diversidade. De acordo com a entrevistada 46, a aceitação se dá pelo caráter cultural do espaço.

Eu acho que aqui é um espaço mais cultural. Então por ser tão cult, quem vem, já vem com esse intuito, né? Já vem preparado pra receber melhor, inseri-los melhor no contexto social. (Entrevistada 46)

Poucos relatos demonstraram certo desconforto com o público LGBTQ+, por exemplo, o entrevistado 16 fala:

[Sobre a presença de pessoas LGBTQ+ no espaço]
É o que mais tem atualmente. A população LGBT entrou muito na sociedade, né? Tá influenciando muito [...] Antigamente, era bem desconfortante, mas agora com a mudança do tempo eu comecei mais a aceitar, entendeu? Releva, no caso. (Entrevistado 16)

O entrevistado 21 diz não se incomodar com a presença de LGBTQ+, contanto que esses o respeitem.

Um exemplo, no modo da gente, homem, falar [...] Um fresco, como a gente chama, né? Não é querendo rebaixar não, mas chegou em você pra tocar uma ideia massa, o cara troca. O negócio é o seguinte. Não dar em cima, velho. Sem o cara querer. Agora, deu em cima, eu já não gosto desse. (Entrevistado 21)

Ele continua seu relato dizendo que diferente dele existe outros indivíduos no território que não respeitam a população LGBTQ+.

Eu sou de boa e tal. Já tem uns aí que é envolvido com negócio [...] já não gosta, né? [...] Quer tirar onda e tal. Isso aí eu não gosto. Se na hora eu ver assim [...] Por exemplo, a gente tá aqui agora [...] O cara passar e ofender um gay, eu não vou gostar, velho. Eu vou e chego na dele [...] “Ei, meu irmão, qual foi o mal que ele te fez pra tu tá ofendendo ele? Tô errado? (Entrevistado 21)

Esse panorama de narrativas permite elucidar os limites que fogem à percepção do pesquisador, as limitações subjetivas que surgem a partir da interação com o outro. Através dos relatos foi possível perceber que as dinâmicas sociais que compõem a rede-território encontram em si, para além dos outros artefatos, obstáculos que a regulam. Os sujeitos ao mesmo tempo que identificam a diversidade da rede-território se distanciam dela, se colocam em uma posição distante do outro. Os relatos expõem as

divergências no modo de perceber, receber e sentir a multiplicidade da rede-território, influenciada pelos sujeitos em si, pelo lugar – físico ou simbólico – e por uma determinada temporalidade. Tem-se que a multiplicidade é rizomática, se estrutura numa teia criada por ligações imprevisíveis.

Nessa leitura, o limite em relação ao outro foi tratado principalmente no âmbito da identificação. Observa-se que esse reconhecimento de si no outro se relaciona diretamente com a sensação de segurança dos sujeitos, especificamente para os sujeitos LGBTQ+. Tendo como parâmetro as percepções que os sujeitos LGBTQ+ possuem de si e dos outros, bem como as percepções dos outros sobre as pessoas LGBTQ+.

Por fim, no intuito de aprofundar essas questões, foi perguntado aos sujeitos LGBTQ+ se, para eles, seria preferível se investir em espaços destinados ao público LGBTQ+ ou em espaços compartilhados, que não se reconheçam como tal. As respostas que escolhiam espaços LGBTQ+ falavam principalmente da identificação dos sujeitos entre si, sobre a dificuldade de se sentir abraçados por espaços onde há uma maioria de pessoas héteros. Enquanto as indicativas para espaços plurais falavam da democracia, da comunhão entre as diferenças como algo que deva ser incentivado. Os relatos deixam explícito que a questão é complexa, toca em âmbitos mais subjetivos e sutis.

Acho que aqui em João Pessoa não rola um espaço compartilhado. Acho que até já tentaram, mas não consegue. A galera é muito privada. Tipo, os LGBT querem ir pra tal lugar e a galera hétero só vai pra tal lugar também. Não se junta, sabe? Não tem condições [...] É meio que os gostos, de festa, de música. [...] Não se batem. [...] E pra mim é melhor manter assim. [...] Porque meio que rola preconceito das duas partes. Eu não consigo me imaginar indo pra um lugar onde tem um monte de hétero. Acho que eu vou me sentir desconfortável lá. Num rola. Pra mim tem que ser cada um no seu lugar.” (Entrevistado 19)

Eu acredito que deve haver todas as oportunidades

de espaços, tanto específicos pra LGBT, porque há um público específico. Não dá pra dizer que não é. E que haja lugares plurais, como a praça, onde a gente pode vir e se sentir seguro. Porque assim [...] É uma questão de microcultura, vamos dizer assim [...] Você não vai nunca entrar num lugar onde você sabe que o dono é heterossexual, o produtor é heterossexual, o dj é heterossexual, os seguranças são heterossexuais, toda a estrutura do espaço é heterossexual, e você vai se identificar total com aquilo. É complicado. Não que deva ser um gueto, mas eu acredito que há necessidade e essa necessidade se naturaliza por conta da identificação desse microgrupo cultural, [...] música, vestuário, o modo como se comportam. Tem coisas que acontecem num espaço gay que a gente sabe que jamais vão ser aceitas num espaço hétero. Então há necessidade de haver esse espaço gay, não pra guetificar mas pela questão da identificação. [...] Quando a gente vê um espaço heterossexual aberto pra todo mundo, a gente não tem essa identificação cem por cento. Eles não pensam o público que eles vão receber, eles simplesmente fornecem o que eles acham [...] É a história do lugar de fala. É a história do lugar de identificação. Se eu sou gay e eu converso com gays, e eu tenho intimidade com gays, o feeling é bem maior. Se eu sou hétero e converso com héteros o feeling é bem maior. Mas eu não vou entender a mesma essência do hétero. (Entrevistado 15)

Eu queria que tivesse lugares onde não houvesse preconceito. Porque em João Pessoa assim [...] Dos lugares que eu visitei, tirando o Sul que é onde tem o índice mais de preconceito, até pelos próprios gays mesmo [...] mas o Nordeste assim os gays parece que criaram o próprio mundinho e não é assim. A gente tem que se impor e falar: “Porra, aqui é meu lugar. Eu vou me divertir aqui.” Independente se o local é hétero, ou LGBT ou não. [...] Eu acho que não deveria ter local específico pra uma determinada tribo e sim locais específicos pra unir todas as tribos, entendeu? Porque se os

gays andam com os môfi [...] como o pessoal daqui fala [...] ou travestis andam com héteros seria um lugar muito legal. (Entrevistado 14)

SIMBOLOGIAS

Na rede-território, os polos atratores desempenham funções essenciais. Se caracterizam, principalmente, por sua força magnética, podendo atrair ou repelir. De modo que se comportam como os nós das sociabilidades, o lugar, o contexto, o momento do encontro, dos afetos, das tensões, das identificações, das rupturas, das aproximações, dos afastamentos, dos reconhecimentos, dos estranhamentos. Onde os sujeitos e os actantes estão em plena interação. Por sua vez, no plano liso do território, as sociabilidades saltam aos olhos por preencher o espaço, por marcar ranhuras, por demarcar bordas, por criar texturas, por pulsar movimentos e por transformar a atmosfera. Deixam rastros, imprimem sensações e criam símbolos. Tais dinamicidades geram elementos inevitáveis para a composição cartográfica, pois, ao mesmo, fornecem a tela, a tinta e o rabisco. A tela remetendo à base, aos planos, ao contexto, ao físico, ao espacial. A tinta que é o próprio sujeito, dotado de cor, de propriedades, de subjetividades, do impulso de ser na tela, de ser visível, de marcá-la, de transformá-la. O rabisco visto como o movimento, o arranque, o encontrar ou o procurar, a ação, o desejo, a prática. Ao dispor esses elementos em um arranjo, produz-se pinturas, imagens, retratos, momentos, composições, colagens.

É nesse sentido de compor uma representação simbólica da rede-território que se tem a relevância em observar as suas simbologias, que, de certa forma, sintetizam essa relação, elucidando as significâncias das dinâmicas sociais para o espaço e as significâncias do espaço para as dinâmicas sociais. Dessa forma, a cartografia da Praça Anthenor Navarro e do Largo São Frei Pedro Gonçalves surge em uma colagem de símbolos, falas, linhas, cores e texturas que imprimem a percepção geral resultante dessa pesquisa. Além de apresentar uma percepção

do lugar, reflete-se sobre o fato de na Praça Anthenor Navarro, reconhecida nos relatos como “o coração do Centro Histórico de João Pessoa”, também pulsa um coração queer. Dentro de um cenário amplo de violências direcionadas, a população LGBTQ+ encontra e cria nesse lugar, ao seu modo, a possibilidade de ser e existir no espaço urbano. Nesse ato de encontrar e criar um lugar para si, a população LGBTQ+ costura no coração da praça pedaços de si, como retalhos. Pedaços de suas particularidades, de suas vontades, de seus comportamentos, de suas opiniões, de seu modo de ser. Torna queer um pedaço do coração. Torna-o mais colorido.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho nasceu como um desdobramento de uma pesquisa sobre a territorialidade e a sociabilidade LGBTQ+ na cidade de João Pessoa, que apontou a Praça Anthenor Navarro e o Largo São Frei Pedro Gonçalves como uma importante centralidade no contexto urbano, onde esses indivíduos se sentiam livres para exercer as condições de gênero e de sexualidade durante a prática do lazer noturno. Dessa forma, no intuito de compreender como a diversidade social fomenta essas dinâmicas, buscou-se identificar as características físicas, espaciais, culturais e simbólicas do espaço, através do exercício de construção de uma cartografia sensível urbana, baseada na metodologia de Santiago Cao (2018). Em termos mais amplos, questionou-se se havia alguma interferência do espaço no comportamento dos indivíduos e dos indivíduos no comportamento de outros indivíduos.

A cartografia permitiu elucidar que a multiplicidade permeia diversas camadas da Praça Anthenor Navarro e do Largo São Frei Pedro Gonçalves. Não somente nas possibilidades oferecidas pelo lugar, representadas pelos estabelecimentos e vendedores ambulantes, mas também nos sujeitos e nos seus modos de sociabilidades, que a escolhem a partir de um importante processo de identificação. Ao mesmo tempo que o território produz a diversidade, a diversidade também produz o território. Não somente a multiplicidade do espaço está condicionando os sujeitos, mas os sujeitos, em suas multiplicidades, também condicionam o espaço.

Inicialmente, o conjunto arquitetônico da praça e do largo delimita as dinâmicas do lugar, emoldurando o cenário das sociabilidades dos sujeitos. Destaca-se que a geometria convexa da praça e do largo favorece as diferentes ações. Há espaços que formam vários pontos de confluência, facilitando o encontro. Há espaços amplos que confluem mais indivíduos e permitem a visibilidade de todos. Há espaços recuados que possibilitam

áreas mais reservadas. Do ponto de vista espacial, há lugares onde as permanências estão mais concentradas, destacadas principalmente pelos polos atratores, que criam a partir de suas características diferentes ambiências para as sociabilidades. Há os ambientes mais agregadores e diversos, que possuem uma ocupação mais dinâmica. Há os ambientes mais segregados, onde há uma seletividade para o seu acesso e uso. E há os ambientes mais íntimos, nos quais os sujeitos, apesar de não impedirem o acesso de outros indivíduos, concebem uma atmosfera pouco convidativo. Esses pontos de permanências são dinamizados pelos constantes fluxos que marcam o território. Os sujeitos, ao estabelecerem ligações com tais pontos, criam no espaço um emaranhado de caminhos e percursos, possibilitando entender como atuam as influências dos polos atratores no território. De forma que surge no território espaços de transição entre interesses, como o percurso da praça ao largo. Os fluxos também permitiram perceber as limitações que regem as dinâmicas, onde os indivíduos atravessam, recuam, contornam, desviam. Destacam, portanto, que as vivências territoriais são diferentes.

Nesse sentido, analisar as questões culturais e simbólicas do território possibilitou compreender que a diversidade social encontra fronteiras entre si que condicionam as sociabilidades, que por sua vez, reproduzem esses limites. Visto que os sujeitos estão atrelados em uma rede de signos, compostas de elementos que, ao mesmo tempo que os aproxima pelas identidades, os distanciam pelas singularidades em relação ao outro. Caracterizando assim a coexistência de múltiplas representações no espaço, a multiterritorialidade descrita por Zambrano (2008). Vale ressaltar ainda, pela teoria do autor, que a praça e o largo não podem ser definidos como um território plural, mas como uma pluralidade de territórios, pois as relações estabelecidas entre os diferentes são sociações (SIMMEL, 2005), ou seja, há uma - agregação entre os sujeitos por interesses momentâneos que

não chegam a alimentarem um processo de sociabilização. Isso tornou-se mais evidente nos relatos dos entrevistados, que, ao explanarem suas percepções, revelaram sociabilizar somente no meio de seus pares ou ainda como citado, no meio de suas tribos. Nota-se que por trás de uma ideia de convivência harmônica e respeitosa da pluralidade, habita, na verdade, uma indiferença, um comportamento blasé (SIMMEL, 2005) em relação ao outro, que pauta o distanciamento dos sujeitos.

Nesse comportamento de indiferença, os sujeitos LGBTQ+, como protagonistas desse trabalho, encontram a possibilidade de um lugar onde possam exercer o lazer noturno com uma maior liberdade, já que ali se sentem menos observados ou cerceados. Essa liberdade, porém, ainda é restrita. Na medida em que a sensação de segurança, por estar vinculada a indiferença dos indivíduos, torna-se dependente dos microterritórios específicos – os “guetos” – criados a partir desses afastamentos. Somente neles se tem a oportunidade de se sentir livre. Ao saírem desses espaços, estão propensos a sociações (SIMMEL, 2005) com outros indivíduos que podem evidenciar conflitos, tensões e até mesmo violências, como foi relatado.

Com esses resultados percebeu-se que a pauta LGBTQ+ sobre o direito à cidade não está relacionada apenas com o seu acesso, os sujeitos encontram meios e táticas sociais de produzir espaços para si, estabelecem suas microterritorialidades na cidade, mas também envolve o desejo de reconhecimento de si no espaço público, de identificar simbologias que os agreguem, que espelhem suas particularidades. Não à toa, encontram entre si a sensação de segurança e liberdade de exercerem suas condições de existência. Dessa forma, reclamam por inclusão no espaço público. Espaços além de seus próprios “guetos”. Reivindicam espaços na cidade que sejam pensados em suas questões, que reflitam suas culturas e que respeitem suas identidades.

O problema da territorialidade e da sociabilidade da comunidade LGBTQ+ vai além das questões espaciais, adentra aspectos culturais, sociais e educacionais na aceitação das diferenças como algo natural aos seres humanos. Ainda, o lazer possui grande importância nessa temática, haja vista sua potencialidade em gerar espaços de transformação em momentos propícios ao convívio social.

As políticas públicas destinadas ao confronto da marginalização por que passa a população LGBTQ+ precisa considerar a complexidade da questão e as vantagens que ambientes com diversidade cultural podem ter no acolhimento de diferentes perfis de usuários. Devem buscar a promoção de espaços com diversidade cultural, onde a cultura em forma de arte, música e outros, possibilite o convívio democrático entre as pessoas.

Há, portanto, a necessidade de pensar a cidade considerando a multiplicidade de grupos e interesses humanos, onde a liberdade e a identidade de cada um deve ser preservada, buscando e promovendo assim, um desenvolvimento urbano mais democrático, sem violações de direitos e garantia do usufruto pleno da estrutura e dos espaços públicos da cidade.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 52-75.
- BORGHI, R. O Espaço à época do queer: contaminações queer na geografia francesa. Tradução: Maria Helena Lenzi. Revisão: Fernando Coelho. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 133-146, ago. /dez. 2015. DOI 10.5212. Disponível em: http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/7303/pdf_204. Acesso em: 14 mar. 2019.
- BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 288 p. ISBN 8520006116.
- _____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2007, p. 151-172.
- CAO, S. *Cartografias sensíveis em espaços públicos*. 2018.
- CARTA MUNDIAL PELO DIREITO À CIDADE. Fórum Social Mundial Policêntrico de 2006. Disponível em: <http://www.polis.org.br/uploads/709/709.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2019.
- COLLING, Leandro. Teoria queer. In: *Mais definições em trânsito*. 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- CORRÊA, R. L. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 251-256.
- CORTÉS, J. M. G. Políticas do Espaço: Arquitetura, Gênero e Controle Social, São Paulo: Editora Senac, 2008, 215 p. ISBN: 9788573597639
- COSTA, R. P. da. Os 11 Sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana. São Paulo: Editora Gente, 2004, 218 p.
- DEBORD, G. Teoria da deriva (1958). In: JACQUES, P. B. (Org.). *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 87-91, 2003.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.
- EGYPTO, A. C. Orientação Sexual nas Escolas Públicas de São Paulo. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.). *Diversidade sexual e educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação; Unesco, 2009, v. 32, p. 341-354.
- FERNANDES, F.; MARTINS, M. Territorialidade e sociabilidade LGBT na cidade de João Pessoa. 2018. Orientador: Profa. Dra. Amélia de Farias Panet Barros. 2018. 44 p. Trabalho de Estágio Supervisionado (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2018. Disponível em: https://issuu.com/matheusmartins55/docs/territorialidade_e_sociabilidade_lg. Acesso em: 20 abr. 2019
- GIL, A. C. Como classificar as pesquisas? In: _____. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991, p. 45-62.
- HAESBAERT, R. Territórios alternativos. São Paulo: Contexto, 2002, 186 p.
- _____. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 396 p.
- HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas*, v. 1, n. 2, p. 39-52, 15 ago. 2007. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/geres/files/territorio%20globaliza%C3%A7ao.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2019
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006, 101 p.
- HARVEY, D. A justiça social e a cidade. São Paulo: Hucitec, 1980, 291 p.
- _____. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2003, 349 p.
- HONNETH, A. Reconhecimento ou redistribuição? A mudança de perspectiva na ordem moral da sociedade. In: SOUZA, J.; MATTOS, P. (Org.). *Teoria crítica no século XXI*. São Paulo: Annablume, 2007, p. 79-94.
- LEFÈBVRE, H. A revolução urbana. Tradução: Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, 178 p.
- LOURO, G. L. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1997, 179 p.
- MARCELLINO, N. C. Lazer como fator e indicador de desenvolvimento regional. In: MÜLLER, Ademir; DACOSTA, Lamartine Pereira. *Lazer e desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- OLIVEIRA, T. L. Engenharia erótica, arquitetura dos prazeres: cartografias da pegação em João Pessoa, Paraíba. 2016. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/Rio Tinto, 2016.
- ROLNIK, S.; GUATTARI, F. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes Ed., 1996, 324 p.
- SANTOS, M. A Natureza do espaço: Técnica e tempo.

Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996, 259 p.

_____. O retorno do Território. In: SANTOS, Milton, SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, Maria Lúcia (Org.). Território, Globalização e Fragmentação. São Paulo, Hucitec, 2005, p. 15-20.

SCOCUGLIA, J. B. C. Sociabilidades, espaço público e cultura: usos contemporâneos do patrimônio na cidade de João Pessoa. Orientador: Prof. Dr. Breno Fontes Souto Maior. 2003. 407 p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/9825>. Acesso em: 20 fev. 2019.

SILVA, R. C. N. da. A Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa: uma estratégia para a reprodução do capital. São Paulo, 2016. 312 f.

SILVA, C. R. de O. Metodologia e organização do projeto de pesquisa: guia prático. Fortaleza: Editora da UFC, 2004, 34 p.

SIMMEL, G. As Grandes Cidades e a Vida do Espírito. Tradução: Leopoldo Waizbort. MANA 11(2):577-591, 2005

_____. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Tradução: Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. O conflito como socição. Tradução: Mauro Guilherme Pinheiro Koury. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 10, n. 30, pp. 568-573. ISSN 1676-8965. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>. Acesso em: 8 abr. 2019.

SOUZA, M. L. de. O território. Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato (Org.). Geografia: Conceitos e temas. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77-116.

THOMAS, J. R. e NELSON, J. K. Research methods in physical activity. 3.ed. Champaign: Human Kinetics, 1996, 496 p.

ZAMBRANO, C. V. Territorios plurales, cambio sociopolitico y gobernabilidad cultural - DOI 10.5216/bgg.v21i1.4733. Boletim Goiano de Geografia, v. 21, n. 1, p. 09-50, 8 set. 2008.

